

BOLETIM 01/19

www.sbnpbrasil.com.br

Neuropsicologia da Personalidade



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp)

Presidente

Deborah Amaral de Azambuja

Vice-presidente

Rochelle Paz Fonseca

Tesoureira Geral

Andressa Moreira Antunes

Tesoureira Executiva

Beatriz Bittencourt Ganjo

Secretária Geral

Katie Almondes

Secretária Executiva

Luciana Siqueira

Conselho delibetativo

Annelise Júlio Costa

Leandro Malloy-Diniz

José Neader Abreu

Paulo Mattos

Conselho Fiscal

Fernando Costa Pinto

Lucia Iracema Mendonça

Marina Nery

SBNp Jovem

Presidente

Victor Polignano Godoy

Vice-presidente

Thais Dell'Oro de Oliveira

Secretário Geral

Lucas Matias Felix

Membros da SBNp Jovem

Alberto Timóteo (MG)

Alexandre Marcelino (MG)

Ana Luiza Costa Alves (MG)

André Ponsoni (RS)

Emanuelle Oliveira (MG)

Érika Pelegrino (RJ)

Júlia Scalco (RS)

Luciano Amorim (PA)

Maila Holz (RS)

Marcelo Leonel (RJ)

Mariana Cabral (MG)

Mariuche Gomides (MG)

Priscila Corção (RJ)

Waleska Sakib (GO)



Expediente

Editora-chefe

Giulia Moreira Paiva

Editoras assistentes

Mariuche Rodrigues Gomides
Thaís Dell’Oro de Oliveira

Coordenador editorial

Alexandre Marcelino

Projeto gráfico e editoração

Luciano da Silva Amorim

Equipe de revisores

Alina Todeschi
Camila Bernardes
Emanuel Querino
Giulia Moreira Paiva
Isabela Guimarães
Lucas Matias Félix
Thaís Dell’Oro de Oliveira
Victor Polignano Godoy

Avaliadores desta edição

Alina Teldeschi

Mestre em Ciências da Saúde - PGCM/UERJ. Especialização em Geriatria e Gerontologia - UNATI/ UERJ. Consultora da SBNp Jovem.

Giulia Moreira Paiva

Mestranda em Neurociências (ICB-UFMG). Pesquisadora do LND-UFMG. Psicóloga responsável em Ambulatório Número (LND-UFMG). Editora-Chefe da SBNp Jovem.

Lucas Matias Félix

Mestre em Psicologia: Cognição e Comportamento (UFMG). Docente substituto do IMS/UFBA. Pesquisador colaborador do Laboratório de Avaliação e Intervenção na Saúde (LAVIS) e membro da SBNp Jovem.

Editada em: abril de 2019

Última edição: dezembro de 2018

Publicada em: abril de 2019



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia

Sede em: Avenida São Galter, 1.064 - Alto dos Pinheiros
CEP: 05455-000 - São Paulo - SP
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br



Sumário

- 05** **REVISÃO HISTÓRICA**
Uma breve revisão histórica sobre o estudo da personalidade
- 17** **REVISÃO ATUAL**
Lesões no sistema nervoso central e alterações da personalidade
- 24** **RELATO DE PESQUISA**
Perfeccionismo, traços de personalidade e relações parentais em jovens adultos
- 33** **ENTREVISTA**

REVISÃO HISTÓRICA

Uma Breve Revisão Histórica Sobre o Estudo da Personalidade

Willian de Sousa Rodrigues e Marina Luiza Nunes Diniz

A psicologia da personalidade existe há pouco mais de meio século, contudo, suas raízes remontam a toda história da humanidade: o interesse para descrever, compreender e prever o comportamento humano, de forma a explicar as diferenças individuais, esteve presente em diversas culturas ao longo da história. O tema atraiu e ainda atrai os olhares de vários estudiosos, ganhando espaço em áreas como a psicologia, sociologia, psiquiatria, entre outras. Além disso, de maneira cotidiana, as pessoas se referem à personalidade, seja para definir os outros ou a si mesmas – não raro é ouvir alguém se referindo ao outro como “uma pessoa de personalidade forte”. Mas, afinal, de que forma o estudo da personalidade ganhou espaço no campo da psicologia? Para responder a tal pergunta, faz-se necessário explorar a história. Sabendo que os feitos do passado guardam uma relação direta com os estudos atuais, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um breve panorama sobre a história do estudo da personalidade. Contudo, não objetivamos esgotar o tema, visto que seria necessário um trabalho amplo. O texto está organizado em três partes: a primeira apresenta uma linha histórica sobre o curso dos estudos da personalidade; a segunda mostra definições sobre o construto; por fim, é apresentado alguns modelos utilizados para sua compreensão.

O estudo da personalidade ao longo da história

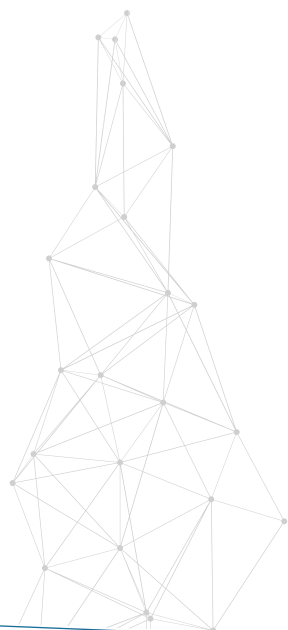
Para examinar as raízes primordiais da teoria da personalidade, deve-se iniciar observando o interesse pelas características individuais

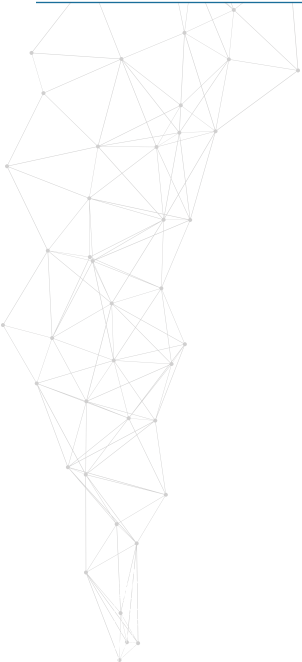
em antigos estudos. Desta forma, durante a Grécia Clássica, Teofrasto (372-287 a.C.), em sua obra *O Carácter*, descreveu 30 “tipos morais”, mostrando uma preocupação de classificar os indivíduos a partir das teorias dominantes sobre a natureza. Ainda nesse período, Platão, em seu livro *A República*, reconheceu e usou as diferenças individuais, como características constantes e estáveis, designando os cidadãos da República às tarefas para as quais se supunha que estivessem aptos. Posteriormente, nos séculos II e III, a teoria dos temperamentos de Galeno (129-217 d.C.), influenciada pela teoria dos humores de Hipócrates (460-377 a.C.), ganha destaque como modelo explicativo das diferenças individuais, influenciando a criação de formas tipológicas conhecidas até hoje (como exemplo, Krestchemer e Sheldon). Desta forma, é possível ver a preocupação, o uso e o interesse primordial pela compreensão da personalidade (Colom, 2008; Martins, Silva, & Mutarelli, 2008).

As correntes filosóficas advindas dos séculos XIII ao XIX, como as propostas por Aquino, Bentham, Comte, Hobbes, Kierkegaard, Locke, Nietzsche e Maquiavel, foram importantes para o desenvolvimento dos estudos da personalidade (Hall, Lindzey, & Campbell, 2007). Destacando a contribuição para o estudo científico do tema, no mesmo período, dois autores foram relevantes: Juan Huarte de San Juan foi o primeiro pensador a elaborar um referencial sistemático para analisar as diferenças individuais; enquanto Franz Joseph Gall contestou os métodos introspectivos vindos das perspectivas filosóficas (Colom, 2008).

Já no século XIX, Darwin, em suas obras *A origem do homem* (1871) e *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1873), alegou que as características ou comportamentos que fossem adaptativas ao ambiente facilitariam a sobrevivência do indivíduo, permitindo a transmissão dos genes aos descendentes. Determinada quantidade de agressividade, por exemplo, poderia ser uma característica adaptativa em momentos de necessidades alimentícias, aumentando a probabilidade de sobrevivência. A função do comportamento, a partir de então, passou a ser um enfoque importante no pensamento acerca das diferenças individuais (Friedman & Schustack, 2004).

Darwin também se atentou para a necessidade de desenvolver métodos originais para realizar o estudo científico das diferenças individuais, tarefa de que seu primo, Sir Francis Galton, se encarregou. Ele foi





o responsável por atribuir fontes genéticas e ambientais na explicação das características individuais, utilizando os princípios evolucionistas da variação, seleção e adaptação ao estudo dos indivíduos humanos (Colom, 2008).

Influenciado pelo desenvolvimento científico de Galton e de outros pesquisadores, em 1879, Wundt (1832-1920) cria o primeiro laboratório de psicologia em Leipzig. Utilizando da filosofia e da fisiologia experimental, a psicologia surge como uma ciência independente, concentrando-se na análise da experiência entre um estímulo e resposta. O enfoque adotado pela nova ciência, contudo, não deixa espaço para o tópico da personalidade, visto que o tema estava ligado às perspectivas “mentalistas” (Schultz & Schultz, 2016).

No mesmo período, Sigmund Freud (1856-1939) começa a desenvolver a psicanálise. A nova abordagem surgia dos métodos científicos de investigação dominantes na época, o que permitiu iniciar os estudos formais sobre a personalidade. O método foi importante para estimular a pesquisa sobre características individuais, fugindo do rigor científico e colaborando para ampliar a área de estudos, como os desenvolvidos pelos humanistas e neo-analistas. Assim, surgem correntes bastante diferentes como modelos explicativos da personalidade: algumas utilizando-se do rigor científico, com pesquisas experimentais em laboratórios, enquanto outras adotaram o modelo dedutivo de investigação no consultório. O texto a seguir apresentará algumas definições de personalidade, bem como as principais teorias advindas do período referido.

O que é personalidade?

A palavra “personalidade” tem origem no latim, *persona*, que se referia a uma máscara de teatro usada por atores romanos. A máscara era utilizada para projetar uma falsa aparência pelos atores. Tal definição, é claro, não é aceita pelos psicólogos, uma vez que se faz superficial. Como referido anteriormente, existem várias áreas e abordagens que investigam a personalidade. No entanto, não há um consenso entre os teóricos quanto a uma definição única para esse conceito. Mesmo que todos os estudiosos tenham lidado com a personalidade de alguma forma, cada um abordou esse conceito a partir de uma epistemologia diferente. Segundo Ewen (2014), quando os psicólogos se referem à personalidade, estão dizendo sobre aspectos importantes e relativamente estáveis, seja do comportamento, emoção ou pensamento. Por-

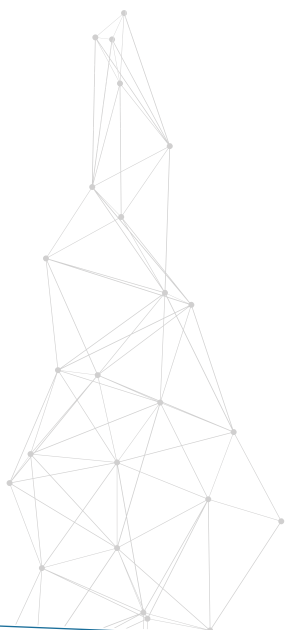
tanto, uma pessoa extrovertida tende a se comportar desta maneira em diversos ambientes por um grande período de tempo. Ainda segundo o autor, para a maioria dos teóricos, a personalidade inclui tudo sobre uma pessoa – aspectos mentais, emocionais, sociais e físicos. Já de acordo com Silva e Nakano (2011), Rebollo e Harris (2006) definem a personalidade como padrões de comportamento e atitudes típicas de um indivíduo, sendo relativamente constantes e estáveis, enquanto Allport (1966) caracteriza a personalidade como uma organização dinâmica dos sistemas psicofísicos que determinam os comportamentos e pensamentos dos indivíduos. Por fim, ainda de acordo com as autoras, Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni (2009) ditam que a personalidade se refere às características individuais, sendo única e que diversifica as pessoas, a partir de padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos. Observando todas essas definições, percebe-se uma variada forma de conceitualizar a personalidade, a depender da base epistemológica de referência.

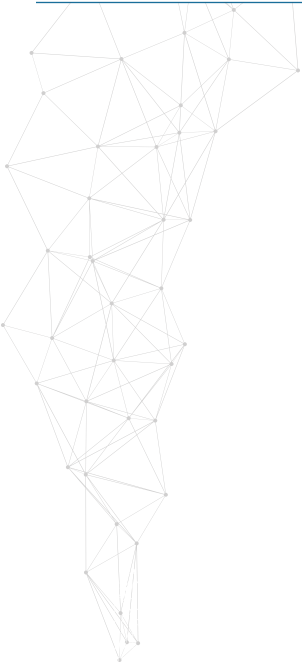
Abordagem psicodinâmica

A abordagem psicanalítica foi uma das precursoras do estudo formal da personalidade. Freud, após publicar o livro *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, ampliou as discussões sobre uma teoria da personalidade, fugindo dos métodos científicos que se instauraram na época (Schultz & Schultz, 2016). Segundo Feist, Feist e Roberts (2015), após utilizar técnicas de livre associação em seus pacientes, Freud formulou hipóteses dedutivas acerca da natureza humana, baseando-se em observações clínicas, sem recorrer a métodos de pesquisas rigorosos.

A estrutura da personalidade originalmente definida por Freud foi organizada em termos de inconsciente, pré-consciente e consciente. Entretanto, a abordagem deixava muito a desejar. Assim, para resolver o problema, Freud revisou seu modelo inicial, descrevendo a personalidade em termos de três construtos: id, ego e superego (Freud, 1923/1962), instâncias que não são separadas dentro da mente (Ewen, 2014). A partir dos estudos de caso, Freud postulou uma dinâmica para explicar o que impulsiona e direciona o comportamento. Através de uma energia psíquica e física, as pessoas são motivadas a procurar o prazer e reduzir a tensão e a ansiedade. Para esse impulso, Freud o denominou de instinto, o que mais tarde, Lacan renomeou como pulsão (Schultz & Schultz, 2016; Feist, Feist, & Roberts, 2015).

Posteriormente, a psicanálise de Freud inspirou o trabalho de diversos





estudiosos da personalidade, que desenvolveram conceitos sobre o comportamento humano fora do enfoque experimental. Os denominados neo-analistas (isto é, “novos analistas”) expandiram a psicanálise freudiana, dando-lhe um novo direcionamento. Carl Gustav Jung foi um dos grandes representantes desse grupo, que trabalhou com a ideia de traços de personalidade, desenvolvendo os conceitos de extroversão e introversão, muito estudados por outras abordagens. Desta forma, a psicanálise foi uma importante contribuinte para ampliar os estudos sobre as teorias da personalidade (Friedman e Schustack, 2004).

Abordagem humanista

Carl Rogers (1902-1987) foi um dos principais nomes da abordagem humanista. Ele não desenvolveu suas formulações sobre a estrutura e a dinâmica da personalidade em laboratórios ou com estudos experimentais, mas se baseando na experiência do trabalho com os clientes. Apesar de ter formulado uma teoria coerente sobre a personalidade, sua preferência pessoal era ser um auxiliar das pessoas, e não um construtor de teorias. Segundo Rogers, somos seres racionais governados por uma percepção consciente sobre nós e o mundo. Desta forma, a consciência e o momento presente foram seu foco de estudo. A personalidade, segundo o autor, só pode ser entendida a partir de nosso próprio ponto de vista, baseado em nossas experiências subjetivas (Schultz & Schultz, 2016).

A abordagem humanista concebe o homem como criativo, autônomo, com propósitos e capaz de experimentar um profundo insight sobre a realidade. Rogers destacou a experiência individual, a importância da liberdade e das escolhas pessoais, sendo o self fenomênico (um mundo particular de experiências e sentidos pessoais) o núcleo da personalidade. Desta forma, o objetivo da terapia humanista é desenvolver todas essas capacidades e potenciais: atualizando o self, segundo Rogers, a pessoa estaria em pleno funcionamento (Monte & Sollod, 2006; Rogers, 2017).

Rogers, durante a década de 1950, foi convidado a escrever sobre a teoria da personalidade “centrada no cliente”. Seu depoimento original sobre o tema é encontrado no volume 3 de *Psychology: a study of a Science*, de Sigmund Koch (Feist, Feist, & Roberts, 2015).

Notas

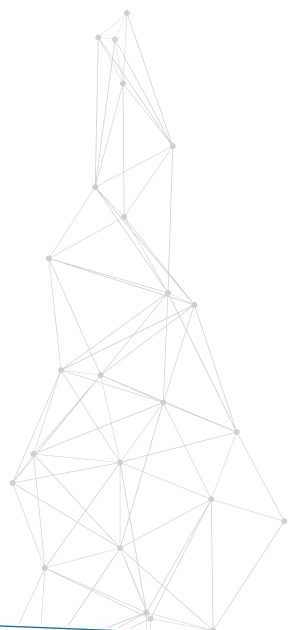
1. Para mais informações, consulte o capítulo "Personalidade" no livro *Temas Clássicos da Psicologia sob a Ótica da Análise do Comportamento*, organizado por Maria Marta Costa Hübner e Márcio Borges Moreira e publicado em 2012 pela editora Guanabara Koogan.

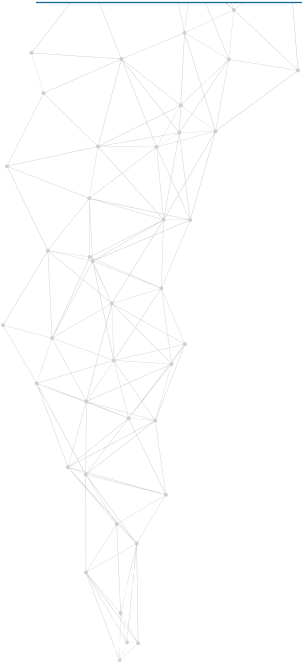
Abordagem behaviorista¹

É possível entender a história da análise do comportamento como dividida em duas grandes fases: o Behaviorismo Metodológico e o Behaviorismo Radical. A primeira é marcada pelo foco no estudo e modificação do comportamento observável apenas por duas ou mais pessoas e que tem como seu principal representante o psicólogo John Watson (1878-1958). E a segunda (que se estende até os dias atuais apesar de abranger algumas grandes mudanças) que tem como figura de destaque o psicólogo B. F. Skinner (1904-1990), que revolucionou a área ao argumentar que pensamentos, sentimentos e emoções são também comportamentos (apenas não observáveis por mais de uma pessoa) que obedecem aos mesmos princípios básicos do comportamento humano e, portanto, devem também ser objeto de estudo e intervenção de profissionais da área da análise do comportamento. De maneira geral, trataremos aqui da personalidade como entendida pelos analistas do comportamento adeptos do Behaviorismo Radical (Moreira & Medeiros, 2007; Ribeiro & de-Farias, 2014).

O termo personalidade tem sido historicamente preterido por analistas do comportamento. Isso é devido, em certa medida, ao entendimento de que personalidade faz parte da categoria de termos "mentalistas", ou seja, utilizados como substitutos de "mente", uma instância imaterial, de natureza diferente da do corpo e não sujeita às mesmas condições naturais. Termos mentalistas são frutos de uma perspectiva equivocada do ser humano como dual, composto de duas partes, uma natural e outra sobrenatural – como exemplo: corpo versus alma, espírito ou mente. Esses termos também são associados a imutabilidade e a ideia de uma essência humana, o que pode levar a entraves no campo da clínica psicológica, que depende da possibilidade de mudança dos comportamentos. Da perspectiva do Behaviorismo Radical (também entendido como a filosofia da ciência da análise do comportamento), termos mentalistas são usados, geralmente, com a intenção de explicar algum comportamento, mas na verdade, apenas o descrevem. Essa definição circular e a alusão a essências comprometem a base teórica e filosófica de uma ciência e da prática clínica dos psicólogos (Baum, 2006; Ribeiro & de-Farias, 2014).

Como já discutido, personalidade implica padrões de comportamento e o Behaviorismo Radical propõe uma estrutura epistemológica que permite entendê-los como apenas isso: padrões de comportamento (que incluem sentimentos, pensamentos e emoções), sujeitos aos





mesmos princípios que determinam os outros comportamentos humanos. Esses princípios podem ser organizados em três níveis causais ou de seleção (explicativos também da personalidade): filogenético, ontogenético e cultural. O nível filogenético diz respeito a história da evolução das espécies, incluindo a do organismo em questão, a ontogenia se refere a história de vida daquele organismo em particular e o nível cultural as influências culturais sobre aquele organismo. Nesse sentido, personalidade enquanto termo não é usual dentro da análise do comportamento. No entanto, o estudo de padrões de comportamento humano sim. Em outras palavras:

Quando falamos, em Análise do Comportamento, de personalidade, não estamos falando que um indivíduo possui uma personalidade do tipo X ou do tipo Y e que essa personalidade seja a explicação para os atos, pensamentos, sentimentos e crenças do indivíduo. Estamos falando apenas que alguém se comporta de uma forma característica (padrão comportamental) (Moreira, 2014, p. 11).

Abordagem do traço

Gordon Willard Allport (1897-1967) pode ser considerado o pioneiro da psicologia da personalidade. Seu livro, *Personality: A Psychological Interpretation*, publicado em 1937, trouxe o tema para o centro das discussões na psicologia acadêmica, mostrando que a personalidade é passível de conceituação e investigação. Antes de definir o conceito, Allport realizou um estudo amplo reunindo centenas de propostas de vários autores sobre a definição de personalidade. Após uma síntese crítica dos resultados encontrados, afirmou que a personalidade é a "organização dinâmica, dentro do indivíduo, daqueles sistemas psicofísicos que determinam seus ajustamentos únicos ao ambiente". Desta forma, reconheceu que a personalidade está em constante desenvolvimento e mudança, possui uma organização sistemática que relaciona os componentes da personalidade e é constituída por tendências determinantes que desempenham um papel ativo no comportamento do indivíduo (Hall, Lindzey, & Campbell, 2007).

Allport desenvolveu o conceito de traços, definido como uma estrutura neuropsíquica que torna muitos estímulos funcionalmente equivalentes. Os traços são componentes da personalidade, não passíveis de observação direta, mas inferidos baseados na frequência de exibição de um determinado tipo de comportamento do indivíduo, em uma variedade de situações e com uma determinada intensidade. É importan-

te destacar que Allport reconheceu que a expressão do traço também depende das características da situação, não sendo expresso em todos os momentos (Hall, Lindzey & Campbell, 2007; Allport, 1927).

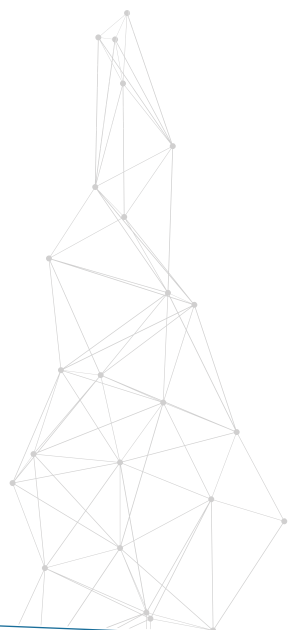
Além disso, um dos trabalhos mais importantes de Allport foi sua contribuição pioneira do estudo lexical dos traços. Segundo Nunes (2005), Allport e Odbert afirmaram que os traços realmente significativos estariam codificados na linguagem natural. Desta forma, Allport enumerou aproximadamente dezoito mil adjetivos extraídos do dicionário da língua inglesa, o que contribuiu fortemente para o desenvolvimento de trabalhos posteriores, como os de Cattell e Eysenck (Friedman & Schustack, 2004).

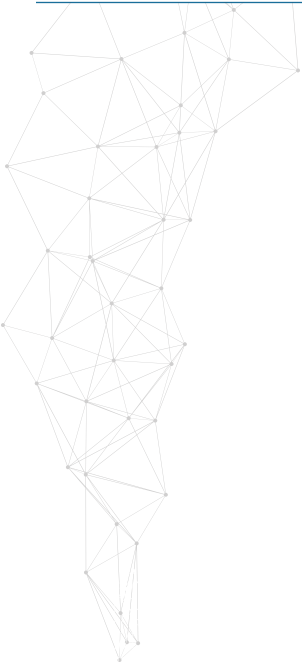
Ainda sobre os estudos que remetem à abordagem dos traços, Raymond Cattell (1905-1998) foi um psicólogo interessado nas diferenças individuais, conhecido especialmente pela aplicação de técnicas psicométricas em suas análises. Utilizando um método indutivo de pesquisa (ou seja, iniciou sem possuir uma ideia preconcebida referente aos traços), realizou três diferentes formas de observação para examinar as pessoas: registro da vida pessoal a partir de observações feitas por outras pessoas (dados L); autorrelatos obtidos de questionários e outras técnicas (dados Q); e por testes objetivos, medindo aspectos como inteligência, rapidez de resposta, entre outros (dados T). O principal resultado de sua pesquisa surgiu da análise dos dados L e Q: utilizando a análise fatorial para determinar quais itens estavam relacionados, Cattell chegou a uma solução de dezesseis traços de personalidade, que resultou no Questionário de 16 Fatores da Personalidade (16-PF Scale) (Pervin & John, 2003).

Abordagem de base biológica de Eysenck

O famoso e polêmico psicólogo alemão Hans Jurgen Eysenck (1916-1997) é autor da teoria dos Três Traços de Personalidade. Fruto de mais de 40 anos de estudos, que incluíram um considerável número de pesquisas sobre as bases biológicas dos traços de personalidade, essa proposta também é conhecida como Teoria PEN (Psicoticismo, Extroversão e Neuroticismo).

Inicialmente, Eysenck propôs uma taxonomia que, elegantemente, se assemelhava aos quatro humores propostos pelo filósofo Galeno por volta do século II d.C.. Esses humores, acompanhados de algumas de suas características, são: sanguíneo (alegre e confiante), colérico





(impetuoso e empolgado), melancólico (medroso e deprimido) e fleumático (passivo e quieto). A taxonomia corresponde ao cruzamento de dois eixos: extroversão-introversão (E/I), e neuroticismo-estabilidade emocional (N/EM). Altos E e N corresponderiam ao humor colérico, altos E e EM ao sanguíneo, altos N e I ao melancólico e altos I e EM ao fleumático.

Cada um dos dois eixos, também chamados de superfatores, são comuns em modelos de personalidade (também fazem parte do Modelo dos 5 Grandes Fatores) e tem grande suporte de evidências genéticas e fisiológicas (Clark & Watson, 2008).

Posteriormente a essa proposta, Eysenck adicionou mais um eixo a sua proposta: o psicoticismo, relacionado a psicopatia, psicose e criatividade. Segundo Flores-Mendoza e Colom, “[...] uma pessoa que obtém um escore alto neste traço caracteriza-se por ser fria, cruel e insensível com as demais.” (2006, p.227).

Para o autor todas as pessoas possuem algum grau de cada um dos três fatores e eles são independentes, ou seja, a pontuação em qualquer um deles não influencia a pontuação em nenhum outro.

Personalidade e Evolução

David M. Buss, um pesquisador de destaque da área de psicologia evolucionista, argumenta que não é possível construir uma proposta teórica explicativa dos padrões de comportamento humano (ou uma teoria da personalidade), que exclua considerações sobre os processos evolutivos determinantes da nossa natureza (Buss, 2008). De maneira geral, são esses processos evolutivos os principais objetos de investigação do estudo da evolução da personalidade.

Esse não é um campo com uma proposta única sobre o que é a personalidade humana (como as propostas psicanalíticas e humanistas já discutidas anteriormente), mas, dentro da perspectiva científica do estudo da personalidade, é um campo complementar (Buss, 2007).

A partir da teoria da evolução de Darwin, estudiosos da evolução da personalidade investigam as origens das variações e dos padrões de personalidade em humanos. Um exemplo é o trabalho do pesquisador Daniel Nettle, que tem estudado a evolução e a variação na população humana em cada um dos 5 Grandes Fatores de Personalidade (tam-

bém conhecido como The Big Five Factor Model) (Nettle, 2006).

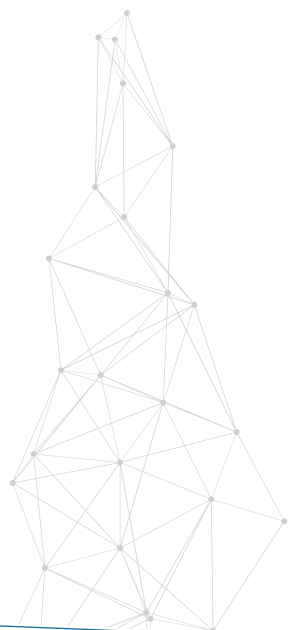
Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade

O Modelo dos Cinco Grandes Fatores (FFM – Five Factor Model) é hoje o principal modelo da personalidade humana devido, em grande parte, a solidez das evidências científicas que o suportam (McCrae & Costa, 2013). O modelo é hierárquico e consiste de cinco fatores que podem ser subdivididos em facetas menores e mais específicas. Os fatores, ou traços, são: Neuroticismo (N), Conscienciosidade (C), Amabilidade (A), Extroversão (E) e Abertura a Experiências (AE). De maneira simplificada, N se refere à tendência a experimentar emoções negativas e a instabilidade emocional, C diz da tendência a organização e responsabilidade, A (também conhecido como Cordialidade) se refere a comportamentos pró-sociais e AE diz do interesse por ideias e experiências abstratas em uma ampla variedade de áreas. Posteriormente ao Modelo dos Cinco Grandes Fatores, McCrae e Costa (1996) propuseram a Teoria dos Cinco Grandes Fatores, que vai além do modelo ao estruturar como os cinco grandes fatores interagem com outros componentes e sistemas da personalidade humana.

Considerações finais

A personalidade foi e ainda é objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento ao longo de toda a história da humanidade. Dentro da psicologia, foi investigada a partir de abordagens bem distintas. Para se compreender as bases epistemológicas adotadas nos estudos da personalidade, é imprescindível realizar uma investigação histórica, conhecendo as questões e os métodos de investigação sugeridos. Através da revisão presente, foi possível compreender a diversidade de definições e modelos explicativos propostos para a personalidade.

Diante dos estudos atuais, o Modelo dos Cinco Grandes Fatores ganha (FFM) destaque, especialmente por sua replicabilidade e pela consistência de evidências científicas. O FFM está sendo utilizado em diversas pesquisas, como para a elaboração de medidas de prevenção e intervenção de psicopatologias e outros prejuízos interpessoais (Mirnics et al., 2013). Sobre o modelo, será discutido com mais atenção em outro capítulo. É importante destacar que a revisão histórica é um assunto amplo, sendo que o presente trabalho apresenta apenas um panorama breve dos modelos existentes.



REFERÊNCIAS

- Baum, W. M. (2006). *Compreender o behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed
- Buss, D. M. (2008). Human nature and individual differences: Evolution of human personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 29-60). New York, NY, US: Guilford Press.
- Buss, D. M. (2007). *Evolutionary psychology: The new science of the mind* (3a ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Clark, L. A., & Watson, D. (2008). Temperament: An organizing paradigm for trait psychology. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and Research* (pp. 265-286). New York, NY, US: Guilford Press.
- Ewen, R. B. (2014). *An introduction to theories of personality*. (7a ed.). New York: Psychology Press.
- Feist, J., Feist, G. J. & Roberts, T-A. (2015). *Teorias da personalidade* (8a ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Flores-Mendoza, C. & Colom, R. (2006). *Introdução à psicologia das diferenças individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Friedman, H. S. & Schustack, M. W. (2004). *Teorias da personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna*. (2a ed.). São Paulo: Prentice Hall.
- Hall, C. S., Lindzey, G., Campbell, J. B. (2007). *Teorias da Personalidade*. (4a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1996). Toward a new generation of personality theories: Theoretical contexts for the five-factor model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The five-factor model of personality* (pp. 51-87). New York: Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2008). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 159-181). New York, NY, US: Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2013). Introduction to the empirical and theoretical status of the five-factor model of personality traits. In T. A. Widiger & P. T. Costa, Jr. (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (pp. 15-27). Washington, DC, US: American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/13939-002>
- Martins, L. Al-C. P., Silva, P. J. C., Mutarelli, S. R. K. (2008). A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX. *Memorandum*, 14, 0924. Recuperado em 13 abril, 2019, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.htm>

Mirnics, Z., Heincz, O., Bagdy, G., Surányi, Z., Gonda, X., Benko, A., ... & Juhasz, G. (2013). The relationship between the big five personality dimensions and acute psychopathology: mediating and moderating effects of coping strategies. *Psychiatria Danubina*, 25(4), 379-388.

Monte, C. F. & Sollod, R. N. (2006). *Por Trás da Máscara: Introdução às Teorias da Personalidade*. (7a ed.). Rio de Janeiro: LTC.

Moreira, M. B. (2007). Curtindo a vida adoidado: Personalidade e causalidade no behaviorismo radical. In A. K. C. R. De-Farias & M. R. Ribeiro (Eds.), *Skinner vai ao cinema* (pp. 11-29). Santo André, SP: ESETec.

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Nettle, D. (2006). The evolution of personality variation in humans and other animals. *American Psychologist*, 61, 622-631. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.61.6.622>

Nunes, C. H. S. S. (2005). *Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento.

Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. (8a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Ribeiro, Michela & de-Farias, Ana Karina. (2014). *Skinner vai ao cinema 1* (2a ed.). Brasília: Instituto Walden4.

Schultz, D. P. & Schultz, S. Y. (2016). *Teorias da personalidade*. (10a ed.). São Paulo: Cengage Learning.

Silva, Izabella Brito, & Nakano, Tatiana de Cássia. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51-62. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&tlng=pt.

REVISÃO ATUAL

Lesões no Sistema Nervoso Central e Alterações da Personalidade

Mariana Cabral

As alterações da personalidade decorrentes de lesões e disfunções do sistema nervoso central não são facilmente diagnosticadas e os seus sintomas podem ser confundidos com os comportamentos reativos do paciente. Visto que muitas vezes os sintomas da personalidade podem prescindir a identificação da doença em casos demenciais, sua importância é inegável. O interesse científico e popular pelo tema foi fundamentado no clássico caso de Phineas Gage ocorrido há 170 anos atrás que se tornou tópico de constantes discussões e estudos, e, ainda hoje, é utilizado em pesquisas no intuito de compreender melhor o ocorrido.

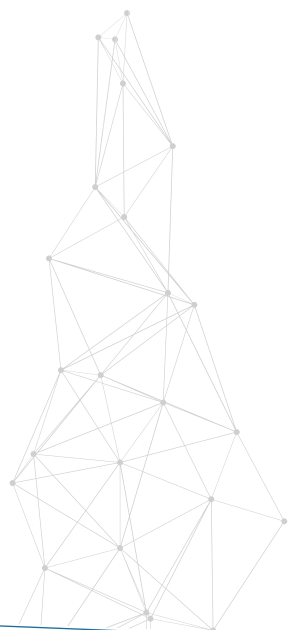
Phineas Gage (1823-1861) tinha 25 anos e trabalhava na construção da ferrovia Rutland e Burlington quando sofreu um acidente que causou grave dano encefálico. Ele era um contramestre encarregado de um grupo de homens destinados a abrir espaço por entre as rochas para que a ferrovia pudesse ser construída. Enquanto estava engajado em explodir a rocha, sua equipe trabalhava alguns metros atrás no carregamento. Phineas estava ajustando os materiais necessários para a explosão com uma barra de ferro em um buraco, quando, ao desviar sua atenção para seus homens, o material explodiu projetando a barra através de sua cabeça. A barra seguiu um movimento para cima e para trás atingindo-o pelo lado esquerdo do rosto acima de seu maxilar inferior, e saindo pela parte de cima de seu crânio próximo à sutura coronal, danificando e removendo parte da massa encefálica. Após

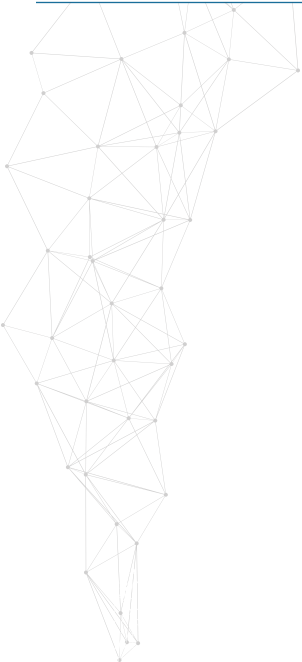
o acidente, Phineas foi levado para um hotel onde foi atendido pelos Drs. Harlow e Williams, consciente e capaz de falar e andar apesar da hemorragia causada pelos ferimentos (Harlow, 1848, 1868).

Embora estudos posteriores discutam os relatos iniciais de Dr. Harlow em sua acuidade e precisão com relação a extensão dos danos (Macmillan, 2000; Ratiu, Talos, Haker, Lieberman, & Everett, 2004), é inegável que este caso causou grande impacto na comunidade científica e ainda hoje se utiliza das tecnologias mais recentes, como remasterização digital, para estudar os danos com intuito de compreender melhor o estado clínico posterior ao acidente (Ratiu et al., 2004). Inicialmente era acreditado que os ferimentos causaram dano extensivo e unilateral ao lobo frontal esquerdo e como consequência, mesmo após sua recuperação física, Phineas apresentou um comportamento irregular, desrespeitoso aos companheiros, e impaciente quando em confronto com suas vontades. Foi relatado que seus empregadores consideravam suas mudanças tão fortes que, a despeito de antes ter sido um trabalhador excelente, não poderiam atribuí-lo ao seu antigo posto (Harlow, 1868).

Macmillan (2000) ao realizar uma análise crítica do caso utilizando os relatos, documentos originais e estudos posteriores, afirma que há ainda incerteza em relação ao comprometimento encefálico preciso devido a falta de clareza dos métodos do Dr. Harlow, sendo impossível diferenciar quais de suas conclusões eram baseadas em observação e quais eram baseadas em suposições. O autor também ressalta suas reservas com a possibilidade dessas conclusões terem sido influenciadas pela crença frenológica em como as funções eram localizadas no substrato biológico. Em relação às mudanças de comportamento, o autor considera que apesar das consequências psicológicas serem muitas, não há informações suficientes pré e pós acidente para estimar o que de fato foi decorrente da lesão encefálica por si só.

O caso de Phineas Gage, embora famoso e cheio de consideráveis controvérsias não é isolado, e nem o único a ser estudado (Goldberg, 2009; Gainotti, 2003; Lezak, 1978; Lishman, 1997). A alteração da personalidade decorrente do dano cerebral está relacionada com a gravidade do dano, quando leve, muitas vezes as alterações de comportamento e emoções observadas são mecanismos reativos às doenças em si, caracterizados como reações compensatórias (Lezak, Howieson, Loring, & Fischer, 2012).





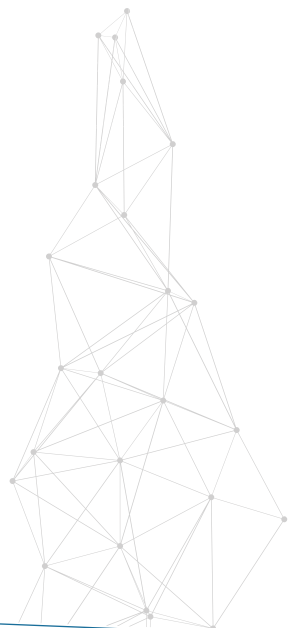
A instabilidade emocional vivida por alguns pacientes com lesões encefálicas caracteriza a *emotional lability* (labilidade emocional) que foi categorizada em três grupos por Lezak e colaboradores (2012). O primeiro grupo é relativo a pacientes com instabilidade emocional causada pelo enfraquecimento do controle executivo e não demonstraram alteração na expressão de sentimentos e em sua capacidade de resposta emocional. O segundo grupo possui perda da sensibilidade emocional e da expressão de comportamentos modulados pela atividade emocional. Já o terceiro grupo trata de pacientes com sentimentos geralmente apropriados, mas que apresentam desencadeamentos de forte expressão emocional ao mais leve estímulo, resultado de lesões frontais.

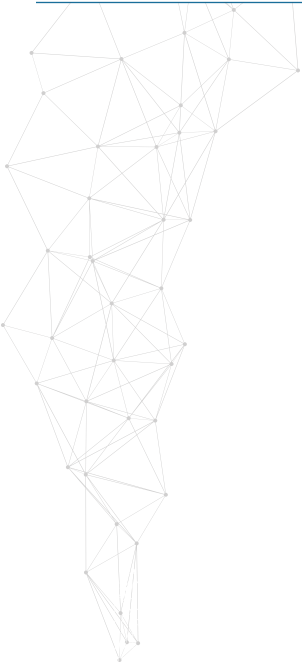
Goldberg (2009) considera que são as lesões nos lobos frontais que fundamentam as mudanças na personalidade em detrimento da gravidade, e que danos em outras áreas tendem a causar alterações em linguagem, percepção, memória e movimento, não interferindo na personalidade propriamente dita. Tal afirmação é corroborada por um estudo realizado nos Estados Unidos que investigou mudanças na personalidade associadas com danos na região ventromedial prefrontal em comparação com danos em áreas não-pré frontais (Barrash, Tranel, & Anderson, 2000). Os pacientes que apresentam mudanças no controle inibitório e iniciativa, são mais frequentemente relacionados às mudanças na personalidade por seus familiares (Gurd, Kischka, & Marshall, 2003), e a atuação dessas funções está intimamente conectada às regiões pré-frontais (Goldberg, 2009).

Quanto mais leve são os danos nos lobos frontais mais fácil a alteração na personalidade é confundida com a personalidade original ou depressão, quando na verdade é causada por danos sutis nos lobos frontais. Essa noção de causalidade é importante não somente para a compreensão histórica e pós dano, mas também para a melhor interpretação de doenças degenerativas. O diagnóstico incorreto de depressão que mascara os danos nos lobos frontais resulta na subestimação do envolvimento dessa área encefálica em casos demenciais (Goldberg, 2009). O caso de Jane, uma mulher de 50 anos diagnosticada e em tratamento medicamentoso para a doença de Parkinson que posteriormente começou a apresentar comprometimento cognitivo é um bom exemplo de como o diagnóstico correto desses danos é de grande valor. Apesar da piora constante em sua condição clínica, os médicos apenas alteraram a dosagem do medicamento embora

Jane estivesse apresentando também episódios psicóticos. Ao procurar uma segunda opinião, sua família entrou em contato com o Dr. Elkhonon Goldberg que a diagnosticou com Demência por Corpos de Lewy e reajustou sua medicação. Ao pesquisar mais detalhadamente a história clínica de Jane, descobriu que um fato importante foi deixado de fora pelo relato inicial de seu marido. Cerca de um ano antes da aparição dos tremores e dos demais sintomas, Jane apresentou uma mudança sutil de personalidade que, antes era uma pessoa muito investida em sua vida social, se tornou mais introspectiva e relutante em sair de casa. Goldberg concluiu, portanto, que se tratava de um sintoma característico do envolvimento do lobo frontal no estágio mais inicial da doença e que, talvez esse fato pudesse ter guiado melhor o curso de seu tratamento desde o início. Mesmo que popularmente acredita-se que é a perda de memória que caracteriza os primeiros estágios demenciais, as disfunções no lobo frontal são também comuns. Em casos onde ocorre a alteração da personalidade mesmo que de forma sutil, essas alterações podem dificultar a reinserção psicossocial do paciente mais do que seus comprometimentos cognitivos (Goldberg, 2009).

Através desses dois relatos podemos ter uma visão do amplo espectro dos tipos de danos que podem causar alterações neuropsicológicas e de personalidade. Desta forma, Lezak e colaboradores (2012) sistematizaram essa tipologia em 10 grandes grupos: (1) Lesões Traumáticas no Cérebro (Traumatic Brain Injury) que são lesões causadas por força externa, sejam elas perfurantes ou não; (2) Doenças Cerebrovasculares, causadas por disfunções no sistema circulatório na região encefálica; (3) Doenças Vasculares; (4) Doenças Degenerativas; (5) Toxicologia (álcool; drogas e neurotoxinas); (6) Infecções; (7) Tumores Cerebrais; (8) Privação de Oxigênio; (9) Doenças Metabólicas e Endócrinas; e (10) Deficiências Nutricionais. Enquanto Phineas Gage claramente sofreu uma lesão traumática, Jane se encontra na quarta categoria, nas Doenças Degenerativas. Dentre as demais, também há relatos de alteração de personalidade por intervenções farmacológicas (Fuentes, et al. 2018), infecções como HIV e hepatite C (Christo, Gé, & Neves, 2014); doenças endócrinas como disfunção da tireoide (Whybrow, Prange, & Treadway, 1969); tumores (Madhusoodanan, Ting, Farah, & Ugur, 2015) e embora nutrição constitui um campo pouco estudado na perspectiva da personalidade, a literatura científica foca em deficiências nutricionais na fase de desenvolvimento (Rucklidge & Mulder, 2016).





Considerando as alterações na personalidade causadas diretamente pelo dano no cérebro se destacam mais comumente o embotamento afetivo, desinibição, redução ou aumento de sensibilidade social bem como diminuição ou aumento da ansiedade. E ao considerar as alterações que surgem como reação à má adaptação e dificuldades de lidar com a doença, se apresentam a depressão, ansiedade, irritabilidade e apatia (Lezak et al., 2012). Dentro dessa segunda categoria é interessante mencionar que traços obsessivos-compulsivos foram relacionados à de déficits cognitivos (Stein & Rauch, 2008).

Há múltiplos aspectos que influenciam nas consequências da lesão como a região afetada e a extensão, tipologia e progressividade do dano. O diagnóstico diferencial muitas vezes pode ser problemático quando a lesão não ocorre de forma traumática. Em casos como demências e problemas vasculares, os sintomas podem se apresentar de forma leve e confusa e muitas vezes similares aos sintomas comuns e gerais, como reações ao estresse. O tratamento sem o diagnóstico correto tem a capacidade de mascarar o real problema, comprometendo um tratamento mais efetivo. Entretanto, também é muito comum que o estado emocional do paciente agrave a complexidade do perfil sintomático. Sob um outro ponto de vista, a alteração na personalidade também pode ser diagnosticada através das consequências sociais após o dano, como por exemplo uma pessoa estável profissionalmente se vê em grande dificuldade de se restabelecer no antigo emprego como no caso de Phineas Gage, ou de um paciente após um acidente desfazer um casamento de longa duração e se inserir em uma série relacionamentos e casamentos de curta duração (Lezak et al., 2012).

A alteração na personalidade devido a lesões no sistema nervoso central muitas vezes impressionam a sociedade e a comunidade acadêmica devido a casos extraordinários, entretanto a importância do estudo científico nessa área também está contida em casos onde a lesão não ocorre de maneira visível e óbvia. Como consideramos anteriormente, pequenas alterações na personalidade podem indicar o desenvolvimento de um quadro demencial em estágios iniciais, o que contribuiria para um prognóstico mais positivo.

REFERÊNCIAS

Barrash, J., Tranel, D., & Anderson, S. W. (2000). Acquired personality disturbances associated with bilateral damage to the ventromedial prefrontal region. *Developmental neuropsychology*, 18(3), 355-381. <https://doi.org/10.1207/S1532694205Barrash>

Christo, P. P., Géó, L. A. L., & Neves, F. S. (2014) Aspectos neuropsicológicos das infecções virais: aids e hepatite . In: Fuentes, D., Malloy-Diniz, L. F., de Camargo, C. H. P., & Cosenza, R. M. . *Neuropsicologia: Teoria e Prática* (pp. 297-320). Porto Alegre: Artmed Editora.

Gainotti, G. (2003). Assessment and treatment of emotional disorders. In P.W. Halligan et al. (Eds.), *Handbook of clinical neuropsychology*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Goldberg, E. (2009). *The new executive brain: Frontal lobes in a complex world*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Gurd, J. M., Kischka, U., & Marshall, J. C. (2010). *Handbook of clinical neuropsychology*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Harlow, J.M. (1848). Passage of an iron bar through the head. *Boston Med. Surg. J.* 39, 389-393. <https://doi.org/10.1176/jnp.11.2.281>

Harlow, J.M. (1868). Recovery from the passage of an iron bar through the head. *Publ. Mass. Med. Soc.* 2, 327-347. <https://doi.org/10.1177/0957154X9300401407>

Lezak, M.D. (1978). Living with the characterologically altered brain injured patient. *Journal of Clinical Psychiatry*, 39, 592-598.

Lezak, M. D., Howieson, D. B., Loring, D. W., & Fischer, J. S. (2012). *Neuropsychological assessment*. Oxford, UK: Oxford University Press.

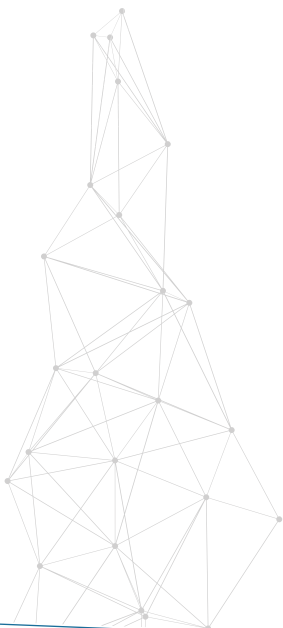
Lishman, W.A. (1997). *Organic psychiatry* (3rd ed.). Oxford, UK: Blackwell.

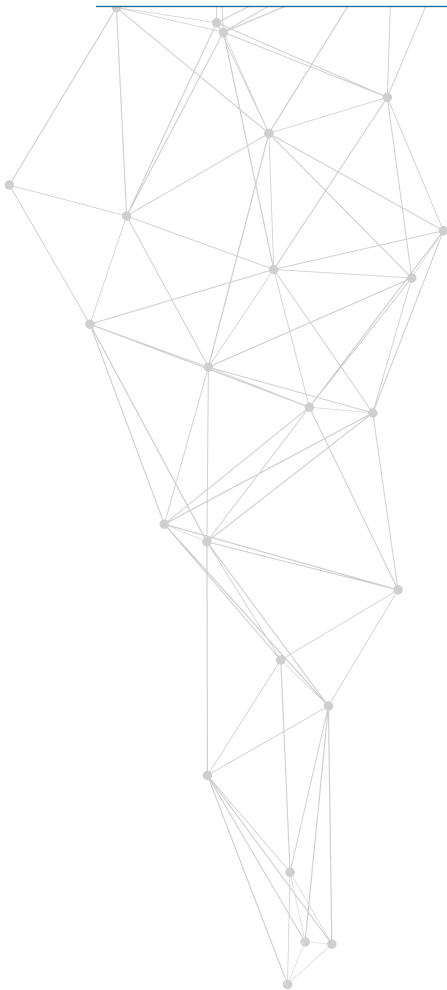
Macmillan, M. (2000). *An odd kind of fame. Stories of Phineas Gage*. Boston: MIT Press. <http://dx.doi.org/10.1136/jnnp.71.1.136c>

Madhusoodanan, S., Ting, M. B., Farah, T., & Ugur, U. (2015). Psychiatric aspects of brain tumors: A review. *World journal of psychiatry*, 5(3), 273-285. doi:10.5498/wjpv5.i3.273

Fuentes, D., Fernandes, C. N. M., Sassi, F. M., Frambati, L., Felício, J. L., e Maloy Diniz, L. F. (2018) In: Malloy-Diniz, L. F., Fuentes, D., Mattos, P., & Abreu, N. *Avaliação Neuropsicológica-2*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Ratiu, P., Talos, I. F., Haker, S., Lieberman, D., & Everett, P. (2004). The tale of Phineas Gage, digitally remastered. *Journal of neurotrauma*, 21(5), 637-643. Recovered in april 13, 2019, from <https://doi.org/10.1056/NEJMicm031024> .





Rucklidge, J. J., & Mulder, R. T. (2016). Could nutrition help behaviours associated with personality disorders? A narrative review. *Personality and mental health, 10*(1), 3-11. <https://doi.org/10.1002/pmh.1325>

Stein, D.J. & Rauch, S.L. (2008). Neuropsychiatric aspects of anxiety disorders. In S.C. Yudofsky & R.E. Hales (Eds.), *Neuropsychiatry and behavioral neurosciences* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.

Whybrow, P. C., Prange, A. J., & Treadway, C. R. (1969). Mental changes accompanying thyroid gland dysfunction: a reappraisal using objective psychological measurement. *Archives of General Psychiatry, 20*(1), 48-63. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1969.01740130050004>

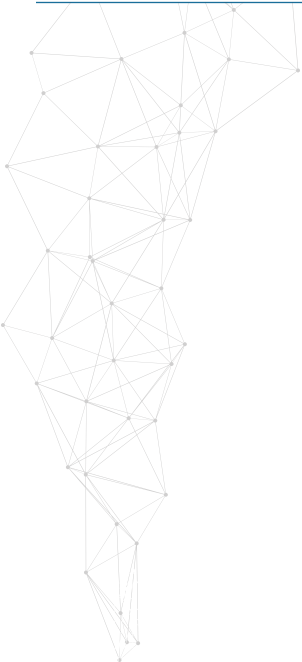
RELATO DE PESQUISA

Perfeccionismo, Traços de Personalidade e Relações Parentais em Jovens Adultos

Flávio Henrique dos Reis Soares e Marcela Mansur-Alves

O perfeccionismo é uma característica complexa e multidimensional. Ser perfeccionista envolve ter determinados padrões de comportamento, pensamento e emoções relacionadas ao próprio desempenho. Apesar da complexidade do conceito, esse termo é utilizado diariamente em nossa linguagem comum para designar pessoas com altos padrões de desempenho e com uma insatisfação crônica sobre tudo aquilo que se apresenta menos do que perfeito. Desta maneira, perfeccionistas esforçam-se por não cometer falhas, mantêm expectativas de desempenho elevadas e experimentam um sentimento de pressão interna e externa para serem perfeitos (Flett & Hewitt, 2016; Frost, Marten, Lahart, & Rosenblate, 1990). Exercer um esforço maior do que aquele demandado pela tarefa também é uma característica marcante nesses indivíduos. Em resumo, o perfeccionismo é uma característica da personalidade associada à busca de metas e padrões de desempenho extremamente elevados, acompanhados de uma avaliação extremamente crítica do próprio desempenho (Stoeber, 2018).

O perfeccionismo como uma característica da personalidade, não se manifesta da mesma maneira em todas as pessoas. Atualmente, convencionou-se estudar o perfeccionismo multidimensional através de diferentes medidas criadas para este fim. Constatou-se então, como resultado de pesquisas empíricas, que o perfeccionismo inclui tanto características positivas ou inócuas quanto características negativas para o indivíduo (Stoeber, 2018). Estes dois polos são chamados de



Esforços perfeccionistas (composto por características como padrões de desempenho, organização.) e Preocupações Perfeccionistas (composto por características como preocupações com falhas, dúvida sobre ações, discrepância entre outros). O construto também chama atenção de pesquisadores clínicos devido sua relação proximal com diversas psicopatologias. Sabe-se, atualmente, que o perfeccionismo é capaz de prever desfechos como transtornos do humor, transtornos ansiosos, transtorno de personalidade obsessivo compulsiva, transtornos alimentares e transtorno obsessivo compulsivo (Egan, Wade, & Shafran, 2011). Por outro lado, os esforços perfeccionistas geralmente associam-se com auto eficácia, desempenho escolar, desempenho esportivo (Bieling, Israeli, & Antony, 2004; Stoeber, 2014). Embora o número de pesquisas sobre o tema e suas associações tenham mais que dobrado na última década, pouco se sabe sobre as origens dessa característica da personalidade.

Uma maneira de acumular evidências e traçar os caminhos pelos quais se desenvolve o perfeccionismo é inseri-lo em um modelo de desenvolvimento compreensivo. Sabe-se, que a Teoria dos Cinco Grandes Fatores da personalidade é capaz de oferecer os alicerces pelos quais são discutidas diferenças individuais e seu desenvolvimento, tanto no que diz respeito aos traços precursores de uma característica quanto às contribuições ambientais e nuances culturais. Os cinco fatores da personalidade são considerados a base pela qual as outras características são moldadas com a contribuição da cultura em um processo dinâmico de socialização (McCrae & Costa, 2003). Os traços de personalidade apresentam um padrão estável e duradouro de influência sobre a maneira de pensar, agir e sentir dos sujeitos. Na Tabela 1, apresenta-se ao leitor a definição simplificada de cada um dos traços que compõem o modelo.

Para verificar as associações entre perfeccionismo e personalidade, foi utilizado com parâmetro o modelo do Perfeccionismo Tridimensional de Slaney et al. (2001). Fazem parte deste modelo os Padrões de Desempenho Elevados – ou seja, expectativas de desempenho auto impostas e muito elevadas, tais como manter suas notas escolares sempre no máximo – Discrepância, ou seja, a percepção subjetiva de estar aquém de seus padrões de desempenho ou não ser capaz de alcançá-los – por exemplo, um indivíduo pode expressar que sempre que conclui uma tarefa sente como se pudesse ter feito melhor. Por

Tabela 1. Tabela dos Cinco Grandes Fatores Adaptado de Garcia, 2006

Neuroticismo ou Instabilidade – Estabilidade Emocional

Pessoas com escores altos nesse fator tendem a experimentar e ser hipersensíveis às emoções. Após experiências emocionais fortes tendem a ter dificuldade a chegar em seu estado anterior. Podem apresentar mudanças de humor repentinas, depressão e ansiedade e preocupações frequentes. Por outro lado, pessoas com escore baixo tendem a ter maior equilíbrio, calma, controle e serem despreocupadas.

Extroversão

Pessoas extrovertidas são mais sociáveis e gostam de lugares movimentados, como festas e onde haverá mais probabilidade de contato com os outros. Buscam por novidades e experiências e tendem a se arriscar mais. Por outro lado, pessoas introvertidas tendem a trabalhar melhor sozinhas e evitam multidões e desfrutam de uma vida mais ordenada e previsível.

Abertura à Experiência


Pessoas com elevados escores no fator abertura tendem a ver a si mesmas como liberais, criativas e não convencionais. Apreciam produtos ligados a arte e novas descobertas. Adoram experimentar coisas novas e admitem que não existe apenas uma verdade ou ponto de vista. Ao contrário pessoas com pouca abertura tendem a ser ortodoxas e rejeitar o que é novo ou aparentemente desconhecido.

Cordialidade (Amabilidade)

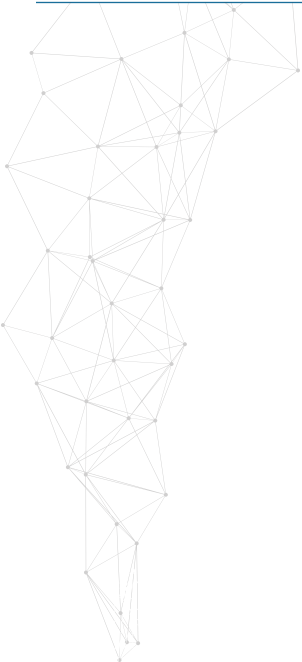
A pessoa cordial e amável preocupa-se com a necessidade dos outros e é empática. Tende a perceber e interpretar bem suas emoções e as dos outros e se preocupa com o bem-estar deles. Já pessoas com pouca cordialidade tendem a ser mais frias e egocêntricas, colocando suas necessidades à frente dos demais.

Responsabilidade (Conscienciosidade)

Pessoas com altos escores em responsabilidades são metódicas, racionais e reflexivas. Controlam melhor seus impulsos e agem a partir de seu senso de dever. Conseguem organizar e concluir suas tarefas pois apreciam o planejamento detalhado. O polo contrário à responsabilidade é a impulsividade, assim uma pessoa impulsiva se apresenta de maneira oposta a alguém organizado e metódico.



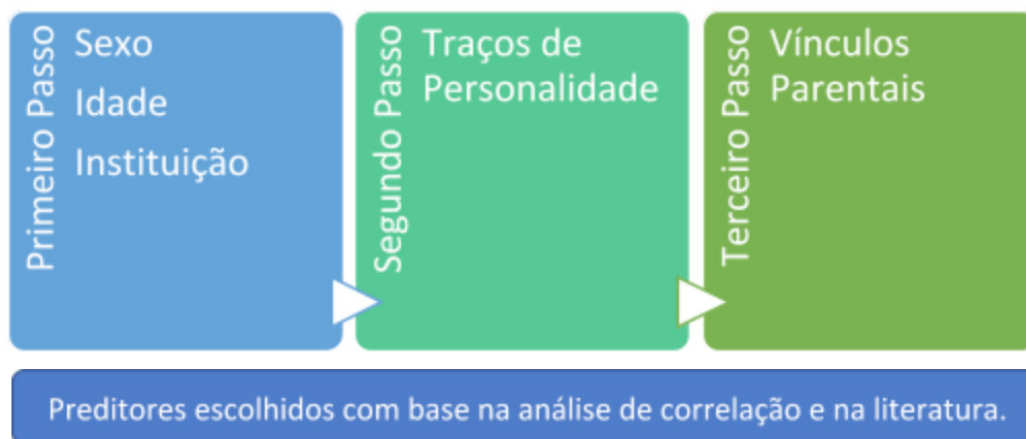
fim, também faz parte deste modelo, a dimensão de Ordem que é a propensão do indivíduo para mostrar-se asseado e organizado. Em metanálise recente, Smith et al. (in press) revisaram os achados de pesquisas com mais de 24.000 sujeitos, nos quais os dois fatores da personalidade que consistentemente se associaram ao perfeccionismo foram o neuroticismo e a conscienciosidade.



Para auxiliar no entendimento sobre as origens e correlatos desenvolvimentais do perfeccionismo, optou-se por avaliar também os tipos de vínculos parentais. Esta escolha deu-se devido à escassez de modelos de desenvolvimento do perfeccionismo incluírem, na análise, o comportamento e a afetividade parental (Maloney, Egan, Kane, & Rees, 2014; Walton, Hibbard, Coughlin, Coyle-shepherd, & Walton, 2018). Os vínculos parentais são padrões estáveis de comportamento e troca afetiva entre as figuras parentais e a crianças (Cox, Enns, & Clara, 2000; Parker, Tupling, & Brown, 1979). Os tipos de vínculo possuem dois componentes, Superproteção/Controle e Afetividade. Têm-se pesquisado os efeitos dos vínculos sobre diversos desfechos, tais como saúde mental, desde há muitas décadas. Estes vínculos podem tanto ser protetivos quanto serem fatores de risco para desenvolvimento de psicopatologias (Maloney et al., 2014).

Como parte da pesquisa sobre diferenças individuais em perfeccionismo obtivemos dados relativos aos construtos estudados em 567 adultos jovens (M anos =25,3 DP=7,8). A partir dos resultados dessas avaliações foram criados modelos de regressão hierárquica para estimar em que medida os traços de personalidade e vínculos parentais influenciariam os níveis de cada uma das dimensões do perfeccionismo. Também, ao executar uma regressão hierárquica por etapas, objetivou-se verificar se os vínculos parentais explicariam algo das dimensões do perfeccionismo para além do que fora explicado pelos traços de personalidade (vide figura 1). As hipóteses basearam-se naquilo já levantado por alguns pesquisadores, porém em culturas e contextos

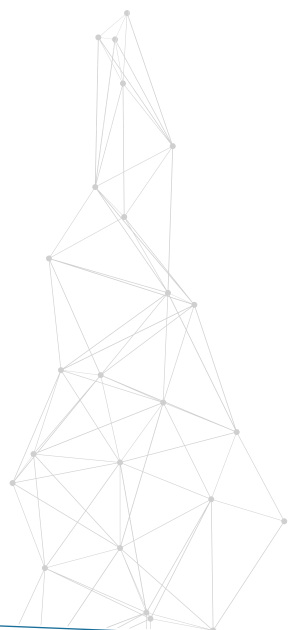
Figura 1. Esquema de análise de dados

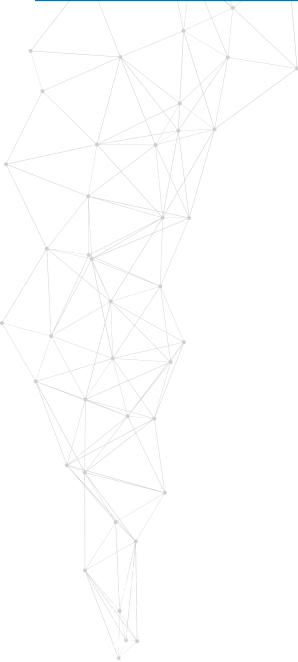


diferentes, além de utilizarem-se de outros instrumentos. Esperava-se que as dimensões de ordem e padrões de desempenho pudessem ser preditas por traços como Conscienciosidade e Extroversão, ambos ligados a propensões adaptativas da personalidade. Por outro lado, esperava-se que a dimensão Discrepância, considerada desadaptativa, fosse predita pelo traço de neuroticismo devido às características desadaptativas dessa dimensão. Foi esperado que a contribuição dos vínculos parentais adicionasse explicação à variação de escores no perfeccionismo, para além do que tinha sido explicado pela personalidade. Assim, tanto controle/superproteção materna e paterna estariam ligados à discrepância ao passo que afetividade estaria ligado aos padrões de desempenho e ordem. Os resultados corroboraram parcialmente as hipóteses.

Discrepância: O melhor dos modelos estatísticos para explicação dos escores de discrepância foi o segundo, em que foram controladas influências sócio demográficas e inseridos os traços de personalidade. Isto é, após levarmos em conta que estes fatores poderiam contribuir e verificar em que medida contribuiriam para que tivéssemos uma medida mais pura em relação ao papel da personalidade e vínculos parentais sobre os escores de discrepância. Verificamos, nessa etapa a contribuição dos de Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade. Em conjunto estes traços explicaram aproximadamente 31% da variância nos escores de Discrepância. Contudo, dentre os preditores dos escores de discrepância, foram significativos apenas Neuroticismo [$p < 0,001$] e Extroversão [$< 0,05$]. Estes resultados indicam que maiores níveis de Neuroticismo são capazes de prever aumentos significativos em Discrepância, enquanto níveis mais altos de Extroversão predizem de maneira modesta menores níveis em Discrepância. Porém, quando foram inseridos os vínculos parentais, superproteção materna também foi capaz de prever significativamente os níveis de discrepância, ou seja, influenciar os escores. Dessa maneira, neuroticismo e superproteção materna foram bons preditores dos níveis de discrepância. Isto equivale a dizer que flutuações nos níveis de neuroticismo e quantidade de superproteção materna afetam os níveis de discrepância dentro da amostra.

Padrões: Embora inseridos para controle, nenhuma das variáveis sócio demográficas apresentam influência sobre os escores de discrepância. A Conscienciosidade e Abertura explicaram aproximadamente 32% da variância nos escores de Padrões dentro da amostra





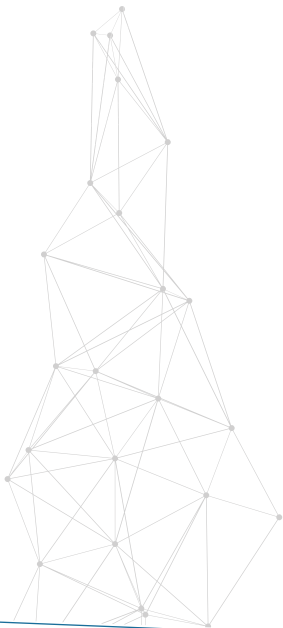
[$p < 0,001$]. Mesmo após o controle da quantidade de influência dos traços no nível de Padrões, nenhum vínculo parental acrescentou à variância explicada pelos traços Conscienciosidade e Abertura. Isto é, quando a personalidade foi levada em conta, os vínculos parentais não contribuíram para além dela nos resultados de Padrões.

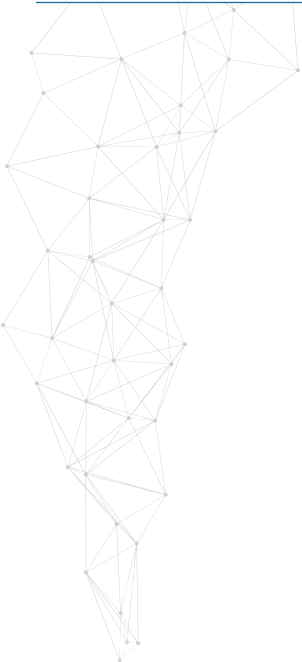
Ordem: As variáveis sócio econômicas explicaram apenas 5% da variância do modelo preditor de ordem, ou seja, influenciaram de maneira muito discreta os níveis de ordem da amostra. Após controlarmos estes efeitos, no segundo modelo da análise apenas a Conscienciosidade foi um preditor significativo dos escores de ordem. Apenas Conscienciosidade foi responsável pela explicação de 31% da variação nos escores de ordem. Os vínculos parentais não predisseram os níveis de ordem. Isto é, apenas o nível conscienciosidade da amostra mostrou uma influência sobre os níveis de ordem. Ou seja, há probabilidade daqueles que possuem mais conscienciosidade também possuírem maior ordem e organização quando perfeccionistas.

Para discutir estes achados recorreu-se à teoria dos cinco grandes fatores de personalidade. Esta teoria da personalidade foi proposta por McCrae e Costa (2003) e possui diversos elementos que constituem a experiência de uma vida individual. Esta teoria é uma maneira de explicar porque as pessoas agem da maneira como agem (Stairs, Smith, Zapolski, Combs, & Settles, 2012). Os traços de personalidade são as unidades mínimas de análise da personalidade e também a parte mais estável e consistente desta. Contudo, esta teoria reconhece os efeitos do ambiente e da cultura no desenvolvimento da personalidade. Os vínculos parentais são dados importantes para compreender a personalidade dos indivíduos (de Cock & Shevlin, 2014). Dessa maneira, no estudo atual, constatou-se que os traço neuroticismo pode apresentar-se como um precursor e um fator de risco para o desenvolvimento do perfeccionismo marcado pela discrepância. Isso corrobora a noção clássica da separação entre perfeccionismo desadaptativo e adaptativo. Isto porque indivíduos que apresentam maior nível de neuroticismo têm a tendência a experimentar emoções negativas, ansiedade, depressão, preocupação e demonstrar menor estabilidade emocional. No caso da discrepância é possível que estes indivíduos apresentem um viés de interpretação do seu desempenho, indicando para si mesmo que sempre estão aquém do desejado e preocupando-se com isto em demasia. Por outro lado, a participação da superproteção materna pode contribuir para o desenvolvimento de insegurança e reasse-

guramente, uma vez que este estilo parental é marcado pela falta de fomento à independência dos filhos e pela pressão para seguir regras (Cox et al., 2000). Os Padrões de desempenho foram preditos em sua maior parte pela conscienciosidade indicando que pessoas com a tendência a serem deliberadas, reflexivas, responsáveis e racionais podem apresentar a busca por altos padrões de desempenho. É possível que estas pessoas se esforcem deliberadamente e com disciplina para alcançar seus objetivos. Embora abertura à experiência não apresente associações consistentes com Padrões perfeccionistas dentre os estudos mais atuais (Smith & Sherry, in press), no primeiro estudo de associação entre o modelo tridimensional do perfeccionismo e os cinco fatores, um achado semelhante foi obtido (Rice, Ashby, & Slaney, 2007). É possível pensar que pessoas com uma vida mental mais ativa e imaginativa, tais como aquelas que possuem alta abertura, também possam vislumbrar padrões de desempenho mais elevados. Ordem é uma dimensão do perfeccionismo que se assemelha bastante à própria faceta de organização de conscienciosidade, por este motivo já era esperado que seu escore pudesse ser predito, em alguma medida, por este fator da personalidade.

Os vínculos parentais contribuíram com os escores de perfeccionismo apenas para a dimensão de discrepância. Contudo, é preciso salientar que, assim como nos modelos de desenvolvimento de psicopatologia, é possível que a combinação dessas dimensões parentais possa prever de maneira mais robusta as características perfeccionistas (Enns, Cox, & Clara, 2002). Há associações entre superproteção materna e psicopatologias bem delimitadas na literatura (Enns, Cox, & Clara, 2002). Assim, as associações entre superproteção materna e discrepância devem servir de alerta para o possível impacto da discrepância sobre saúde mental. Também é possível, por meio dessa associação pensar nos precursores ambientais e maneiras de prevenir o desenvolvimento da discrepância perfeccionista. Por este motivo, os vínculos parentais e suas combinações devem ser incluídas em pesquisas futuras. Com o estudo realizado pelo nosso grupo, foi possível para os pesquisadores assumirem que, dentro da teoria dos cinco fatores de personalidade, o perfeccionismo pode ser tomado como uma Adaptação Característica. Este é um dos principais elementos da teoria dos cinco fatores de personalidade. As adaptações características se desenvolvem com base nos traços e são estruturas concretas que são adquiridas a medidas em que há interação do indivíduo com o ambiente (McCrae & Costa, 1999). Isto significa que as adaptações





características, neste caso os componentes do perfeccionismo, são mais passíveis de alteração em um contexto terapêutico do que os traços de personalidade que possuem grande estabilidade. Embora este estudo apresente limitações como uma amostra majoritariamente feminina e tenha caráter transversal, os resultados são promissores para avançarmos com o conhecimento a respeito do perfeccionismo e respondermos questões pertinentes a respeito de sua natureza, gravidade ou desejabilidade.

Atualmente, o perfeccionismo figura-se como uma característica transdiagnóstica importante. Isto é, está presente como fator de risco e de manutenção para transtornos mentais além de dificultar tratamentos de saúde. Apesar disso, pouco se sabia sobre esta característica em amostra Brasileiras. Estudos como o que se apresentou aqui tornam possível traçar as relações, os precursores e a natureza positiva ou negativa do perfeccionismo, assim como pensar intervenções específicas para esta característica da personalidade. O valor desse construto para saúde mental já é atestado em estudos internacionais, cabe a nós, pesquisadores e terapeutas brasileiros, continuar estas pesquisas e oferecer respostas acerca do perfeccionismo e seu impacto levando as particularidades culturais¹.

REFERÊNCIAS

Bieling, P. J., Israeli, A. L., & Antony, M. M. (2004). Is perfectionism good, bad, or both? Examining models of the perfectionism construct. *Personality and Individual Differences, 36*(6), 1373–1385. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00235-6](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00235-6)

Cox, B. J., Enns, M. W., & Clara, I. P. (2000). The parental bonding instrument: Confirmatory evidence for a three-factor model in a psychiatric clinical sample and in the National Comorbidity Survey. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 35*(8), 353–357. <http://doi.org/10.1007/s001270050250>

de Cock, T. P., & Shevlin, M. (2014). Parental Bonding. *SAGE Open, 4*(3), 215824401454732. <http://doi.org/10.1177/2158244014547325>

Egan, S. J., Wade, T. D., & Shafran, R. (2011). Perfectionism as a transdiagnostic process: A clinical review. *Clinical Psychology Review, 31*(2), 203–212. <http://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.04.009>

Enns, M. W., Cox, B. J., & Clara, I. (2002). Parental bonding and adult psychopathology: results from the US National Comorbidity Survey. *Psychol Med, 32*(6), 997–1008.

Notas

1. Sugerimos a leitura de Soares, F. H. R., Mansur-Alves, M., & Neufeld, C. B. (2018). Diferenças individuais no perfeccionismo e implicações para o contexto escolar. Em J. M. Alves (Org.). *Abordagens cognitivo-comportamentais no contexto escolar*. (pp.301-319). Novo Hamburgo: Sinopsys.

<http://doi.org/10.1017/S0033291702005937>

Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2016). Still Measuring Perfectionism After All These Years: Reflections and an Introduction to the Special Issue on Advances in the Assessment of Perfectionism. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 1–5. <http://doi.org/10.1177/0734282916651540>

Frost, R. O., Marten, P., Lahart, C., & Rosenblate, R. (1990). The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research*, 14(5), 449–468. <http://doi.org/10.1007/BF01172967>

Maloney, G. K., Egan, S. J., Kane, R. T., & Rees, C. S. (2014). An etiological model of perfectionism. *PLoS ONE*, 9(5). <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0094757>

McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2003). *Personality in adulthood: A five-factor theory perspective* (2nd ed.). New York, NY, US: Guilford Press.

Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52(1), 1–10. <http://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x>

Rice, K. G., Ashby, J. S., & Slaney, R. B. (2007). Perfectionism and the Five-Factor Model of Personality. *Assessment*, 14(4), 385–398. <http://doi.org/10.1177/1073191107303217>

Smith, M. M., Sherry, S. B., Vidovic, V., Saklofske, D. H., Stoeber, J., & Benoit, A. (2019). Perfectionism and the Five-Factor Model of Personality: A Meta-Analytic Review. *Personality and Social Psychology Review*. <https://doi.org/10.1177/1088868318814973>

Stairs, A. M., Smith, G. T., Zapolski, T. C. B., Combs, J. L., & Settles, R. E. (2012). Clarifying the construct of perfectionism. *Assessment*, 19(2), 146–66. <http://doi.org/10.1177/107319111411663>

Stoeber, J. (2018). The psychology of perfectionism: Critical issues, open questions, and future directions. In J. Stoeber (Ed.), *The psychology of perfectionism*. London: Routledge.

Stoeber, J. (2014). Perfectionism in sport and dance: A double-edged sword. *International Journal of Sport Psychology*, 45(4), 385–394. <http://doi.org/10.7352/IJSP2014.45.385>

Walton, G. E., Hibbard, D. R., Coughlin, C., Coyl-shepherd, D. D., & Walton, G. E. (2018). Parenting, personality, and culture as predictors of perfectionism. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9793-y>

ENTREVISTA

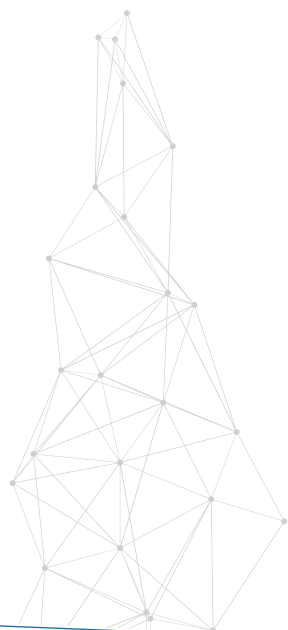
Nesta edição, foram entrevistadas Marcela Mansur-Alves, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da UFMG, coordenadora do Laboratório de Avaliação e Intervenção na Saúde (LAVIS/UFMG), membro da diretoria do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (gestão 2017-2019), Doutora em Neurociências, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Psicóloga; e Renata Saldanha-Silva, professora do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, membro da diretoria da Associação de Terapias Cognitivas de Minas Gerais/ATC-MG (gestão 2017-2019), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental pelo Instituto WP e Psicóloga clínica.

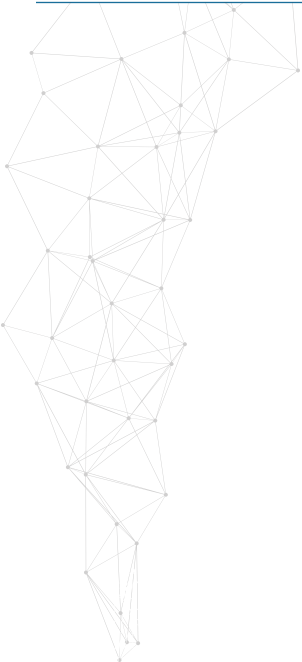
Conforme a teoria do CGF, em termos gerais, o que gera especificidade de transtornos ou sintomas são as adaptações características, que por sua vez são resultado de uma interação entre os extremos dos traços de personalidade e a história de vida/interação com o ambiente. Neste sentido, seria correto dizer que basta que os tratamentos objetivem modificar tais adaptações características para o satisfatório manejo de transtornos psiquiátricos e de personalidade? O mesmo seria verdade para modelos terapêuticos que visem a prevenção?

Na verdade, a teoria dos cinco grandes fatores de personalidade é uma proposta de conceitualização da estrutura e provável dinâmica da personalidade desenvolvida com base em estudos de população típica. Portanto, não há uma proposição clara sobre a apresentação e desenvolvimento de componentes específicos desta estrutura em sintomas, embora seja possível fazer esta extrapolação. Antes de mais nada, acredito ser essencial definir conceitualmente os termos que estou usando nesta resposta. Em primeiro lugar, a teoria dos cinco grandes fatores de personalidade (TCF) representa um avanço conceitual no entendimento da personalidade humana, tendo sido elaborada a partir de estudos com o modelo dos cinco grandes fatores de personalidade,

por Robert McCrae e Paul Costa em 2003. Enquanto o modelo se propõe a descrever a estrutura da personalidade por meio de cinco traços universais (neuroticismo, extroversão, amabilidade, conscienciosidade e abertura a experiências), a TCF expande a descrição da personalidade ao incluir outros níveis de análise. Estes diferentes componentes da TCF são interdependentes e seu funcionamento dinamicamente integrado. Assim, segundo essa teoria, a personalidade pode ser descrita a partir das tendências básicas (que são os cinco traços), componentes relativamente estáveis, biologicamente determinados e gerais. Eles formariam o substrato de nossa personalidade, algo como a bagagem com a qual nascemos para interagir e se adaptar ao ambiente físico e social. Além das tendências básicas, nossa personalidade é composta pelo que McCrae e Costa chamam de adaptações características. Estas são resultantes da interação de nossas tendências básicas com o ambiente (cultura, sociedade, família) e englobam os nossos valores, motivos, esquemas, crenças, estratégias de enfrentamento e regulação emocional, nossa percepção sobre o self e nossas competências, nossa avaliação sobre os outros, sobre o mundo e sobre nós mesmos. Elas são adaptações porque são fundamentais para nossa adaptação ao ambiente e são características porque remetem à combinação única entre nossas tendências básicas e nossas experiências ambientais. De acordo com Robert McCrae e Paul Costa, as adaptações características, embora possam ser estáveis, mudam mais do que nossas tendências básicas e são mais responsivas a eventos ambientais intencionais (psicoterapia, reabilitação) e não intencionais (acidentes, perdas e outros). Faço apenas um parêntese para esclarecer que enquanto processos biológicos mantém estável as nossas tendências básicas, o ambiente em que estamos inseridos contribui muitas vezes para manter estáveis e cristalizadas muitas de nossas adaptações características, uma vez que a maior parte de nossos microambientes cotidianos muda muito pouco (ambiente de trabalho e ambiente doméstico, por exemplo) contribuindo para que tenhamos uma percepção de consistência e estabilidade em nosso self. Ainda de acordo com os proponentes desta teoria, tanto tendências básicas quanto adaptações características seriam dimensionais, variando de frequência e intensidade entre as pessoas.

Considerando que tendências básicas e adaptações características seriam dimensões é possível extrapolar a proposta da TCF e inferir que níveis extremos de tendências básicas e ambientes potencialmente estressores, ameaçadores ou disfuncionais poderiam sim contribuir





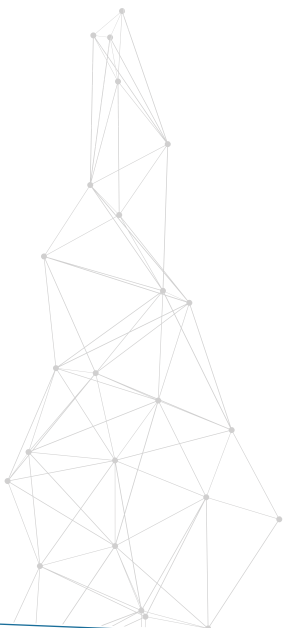
para o desenvolvimento e manutenção de um conjunto de adaptações características que também seriam extremamente disfuncionais e causadoras de sofrimento mental (como no caso dos transtornos psiquiátricos e de personalidade). Muito embora as adaptações características possam trazer certo grau de especificidade para os transtornos mentais (as crenças e esquemas diferem entre os diferentes transtornos, trazendo especificidade de conteúdo, crenças de desamor no transtorno borderline e crença de superioridade no transtorno narcisista, por exemplo), segundo modelos diagnósticos mais recentes as mesmas adaptações características, em suas variantes disfuncionais, poderiam ser compartilhadas por diferentes transtornos, bem como também haver outros fatores que trariam especificidade para os mesmos. Processos cognitivos, comportamentais e emocionais que atuam como fatores de risco compartilhados por diferentes transtornos mentais são mais recentemente conhecidos como transdiagnósticos. Algumas adaptações características poderiam ter funcionamento transdiagnóstico. Veja, por exemplo, que no transtorno de personalidade borderline (TPB) e histriônico (TPH) compartilham-se crenças de desamor (adaptação característica); bem como também as tendências básicas, tais como elevados níveis de neuroticismo ou afetividade negativa (tendência básica) podendo também serem fatores de risco transdiagnósticos. Porém, tanto as tendências básicas quanto o conteúdo de algumas adaptações características podem ser específicos para cada transtorno mental, levando a trajetórias divergentes, embora existam processos subjacentes comuns. No caso dos transtornos de personalidade citados no exemplo acima, variantes extremas de extroversão (tendência básica) seriam específicas do transtorno de personalidade histriônico, o mesmo vale para crenças de ser indesejável (adaptação característica), diferentemente do que é visto no transtorno de personalidade borderline. Aponto também que aspectos ambientais específicos (chamados de moderadores) podem levar a trajetórias diferentes. No caso do TPH, é comum que o ambiente familiar reforce, enfatize ou valorize a busca de atenção e que pais de pessoas com TPH combinem sedução precoce com atitudes puritanas, ao passo que em pessoas com TPB o ambiente seja marcado por não validação emocional e maus-tratos.

Considerando o que foi exposto no parágrafo anterior, as evidências existentes atualmente permitem dizer que a grande maioria das estratégias e protocolos de tratamento que apresentam eficácia cientificamente comprovada estão direcionados para promoção de mudanças

nas adaptações características (comportamentos, crenças, esquemas, autoconceito, autoestima, estratégias de enfrentamento, estratégias de regulação emocional, valores), uma vez que estas são mais diretamente acessadas pelo clínico e mais responsivas a mudança do que os traços. Assim, entende-se o mecanismo de ação das estratégias interventivas por meio de um eixo bottom-up, ou seja, parte-se dos níveis mais específicos e superficiais de descrição e funcionamento da personalidade para níveis cada vez mais gerais e profundos. Especificamente no caso dos transtornos de personalidade, por apresentarem como fatores de risco níveis extremos das variantes típicos dos traços de personalidade e suas facetas (tendências básicas), entende-se que seriam mais refratários a mudanças via intervenção, justamente porque o acesso aos traços seria muito mais difícil (embora não impossível). Assim, pessoas com transtornos de personalidade teriam mais recaídas e exigiriam programas de intervenção mais longos e frequentes. Contudo, não creio que basta mudarmos as adaptações características para conseguirmos resultados positivos de uma intervenção. Grande parte da mudança vem do trabalho com adaptações características, mas o uso de fármacos e a mudança de contexto é muitas vezes necessária e complementar.

Em se tratando de estratégias preventivas, pesquisadores que trabalham com a epidemiologia da personalidade têm destacado que a consideração dos traços de personalidade na elaboração de políticas públicas de saúde seria fundamental, tomando como base o consistente corpo de conhecimento que aponta uma relação entre personalidade e desfechos de saúde (física e mental). Estratégias preventivas envolveriam monitoramento mais frequente de indivíduos com níveis críticos de determinados traços e criação de campanhas de saúde que levassem em consideração as diferenças individuais em personalidade, por exemplo. Ademais, estratégias preventivas deveriam levar em consideração o ambiente ou uma tentativa de conscientização e modificação do mesmo. Estilos e vínculos parentais podem ser modificados, por exemplo, e são considerados fatores de risco para o desenvolvimento de diferentes transtornos mentais. Certamente, já temos evidências de que investir em prevenção via adaptação característica é também extremamente eficaz (desenvolver estratégias mais adaptativas de gerenciamento de emoções, leitura de ambiente, habilidades sociais, autoconhecimento e outras).

É possível pensar em estratégias que visem modificar os níveis



dos traços de personalidade?

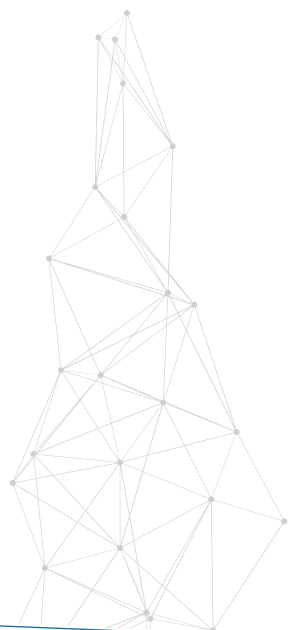
Acredito que esta pergunta está muito associada à anterior e dá a ela uma continuidade. Já temos evidências de que os traços de personalidade (tendências básicas) mudam de maneira não intencional através do que chamamos de princípio da maturidade e em resposta à ocorrência de eventos adversos de vida. No primeiro caso, parecem haver mudanças desenvolvimentais nos níveis médios dos traços de personalidade que, segundo alguns autores, estariam pré-programadas e teriam valor adaptativo. Por exemplo, aumento dos níveis de conscienciosidade no início da idade adulta e redução dos níveis de neuroticismo. Não obstante, também temos evidência de que eventos negativos de vida, tais como perdas, traumas, acidentes, guerras, ser testemunha ou vítimas de crimes, poderiam promover alterações em algumas facetas de alguns traços de personalidade. Estas evidências viriam de estudos transversais e também longitudinais. Nesse caso, eventos negativos de vida poderiam ser entendidos como “pontos de virada”, que gerariam processos reflexivos sobre si mesmo e a vida que, em última instância, promoveriam mudanças mais duradouras nos traços. Entretanto, entendo que estamos falando de mudanças intencionais, isto é, aquelas que aconteceriam quando as pessoas querem intencionalmente alterar a sua personalidade em curtos intervalos de tempo, por exemplo, via psicoterapia. Nesse caso, as evidências são mais escassas. Entende-se que intervenções direcionadas para promover mudanças nos traços de personalidade seriam excessivamente longas, caras e pouco efetivas, porque estaríamos atuando em padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos e não em atributos específicos, que seriam mais pontualmente acessados, às vezes concretos e observáveis. Alguns autores defendem que um acúmulo de mudanças nos níveis mais específicos (adaptações características, respostas habituais e facetas) poderia levar, em última instância, a alterações nas tendências básicas. Entretanto, as evidências existentes para mudanças em traços de personalidade não são provenientes de intervenções especificamente elaboradas para alterar os traços e sim vem como produto de ensaios clínicos que têm como alvo transtornos mentais, mais comumente transtornos de ansiedade e depressão.

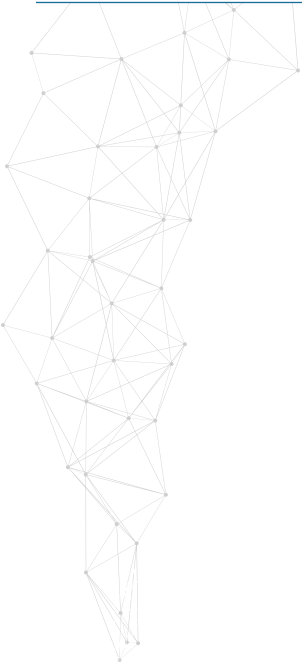
Se se supõe que os cinco traços de personalidade sejam universais, como explicar essa universalidade considerando aspectos evolutivos da espécie? Se os traços são universais e o que varia entre as culturas seria o nível médio de cada traço e sua expressão comportamental, como entender a relação entre traços e as

diferenças culturais?

A fim de compreender um pouco melhor as relações entre personalidade, genética e evolução, é importante esclarecer como as grandes dimensões se estruturam. O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) supõe que a estrutura da personalidade é hierárquica. Isso equivale a dizer que, no nível mais central da hierarquia estariam os cinco traços centrais e amplos, sendo cada um deles resultado de uma combinação de subdimensões de segundo nível, estas mais maleáveis, específicas e numerosas do que os traços amplos, a que chamamos facetas. Dentro de cada faceta, por sua vez, haveria uma série de respostas habituais, ainda mais dependentes das situações e mais maleáveis, que seriam o que os testes medem, o terceiro nível. Assim, por exemplo, dois indivíduos com o mesmo nível de Extroversão poderiam apresentar diferentes níveis de facetas: um deles, por exemplo, poderia ser mais ativo, cheio de energia e sociável, enquanto o outro poderia ser mais assertivo e buscador de sensações. Isso levaria a diferenças importantes nos valores, adaptações características e maneiras de se comportar. O primeiro, por exemplo, poderia se tornar um indivíduo cujas respostas habituais envolveriam valorizar muitas amizades e fazer muitas coisas ao mesmo tempo, enquanto o segundo poderia desenvolver respostas mais associadas a assumir posições de liderança e gostar de esportes radicais. Mais especificamente, no nível das respostas habituais, outro indivíduo que também apresente altos escores em busca de sensações poderia, ao invés de buscar esportes radicais, como o caso acima, escolher usar drogas, o que também traria tais sensações. O que levaria à escolha de um ou outro tipo de resposta habitual seria o tipo de ambiente e história de vida que cada um teve: um ambiente mais estável e com mais possibilidades saudáveis de expressar suas características pode levar à escolha de respostas habituais também mais saudáveis, enquanto que um ambiente instável, violento ou desestruturado pode levar a respostas desadaptativas. Em nenhum dos casos, entretanto, estamos falando em mudanças nos traços amplos, mas apenas nos níveis de respostas.

Respondendo à primeira pergunta, considero que, pelo menos para os traços amplos, temos evidências claras de universalidade, e indicativos de que apresentam vantagens evolutivas. As cinco grandes dimensões parecem se replicar nas culturas letradas, já tendo se mostrado consistentes em mais de 50 países ao longo de todos os continentes. Tais descobertas, associadas a estudos que apontaram padrões semelhantes mesmo em outros primatas (chimpanzés, avaliados pelos





profissionais do zoológico, por exemplo), seriam indicativos de que tais características são definidas biologicamente e podem ter apresentado importância na evolução das espécies, haja vista que todas as cinco grandes dimensões representam, em algum nível, maneiras como as pessoas lidam consigo mesmas, com os outros e com a sociedade, elementos de extrema importância para a sobrevivência das espécies mais complexas, como nós mamíferos. As facetas e respostas habituais, entretanto, não alcançam as mesmas evidências de universalidade, o que nos leva a levantar a hipótese de que talvez as diferenças culturais atuem nestes níveis, mais do que no nível dos traços amplos (Church, 2016).

Respondendo à segunda parte da pergunta, as relações entre cultura e traços são bastante complexas, e o mais provável é que se trate de uma interação bidirecional. De um lado, é possível que diferentes perfis de personalidade moldem o ambiente, criando costumes, religião e valores para determinada região que reforcem os traços mais comuns nela. De outro lado, é possível que diferentes necessidades de cada cultura influenciem ou moldem diferentes formas de expressão de cada traço ou dimensão geral (incluindo aqui facetas e respostas habituais).

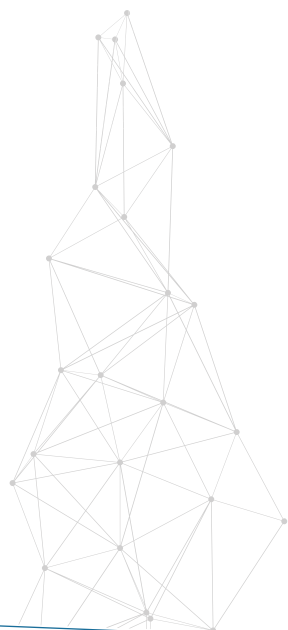
Limitações físicas dos ambientes podem modular os traços que serão mais importantes para a sobrevivência. Por exemplo, ambientes cuja morte por contaminação era muito frequente podem ter influenciado para que, por seleção natural, indivíduos com níveis mais baixos de Conscienciosidade não sobrevivessem (já que tenderiam a ser mais descuidados) e, aos poucos, elevada Conscienciosidade passou a ser o perfil mais comum naquele grupo. Ao sobreviverem apenas os que apresentam determinado perfil é esperado que este grupo crie regras, valores e tabus que reforcem aquele conjunto de características. A partir disso, pessoas que apresentem um perfil diferente podem não se identificar com o grupo onde se encontram e partir para uma das estratégias comuns de adaptação: inibição, o quanto possível, da expressão do traço destoante do grupo, migração seletiva ou criação de microculturas.

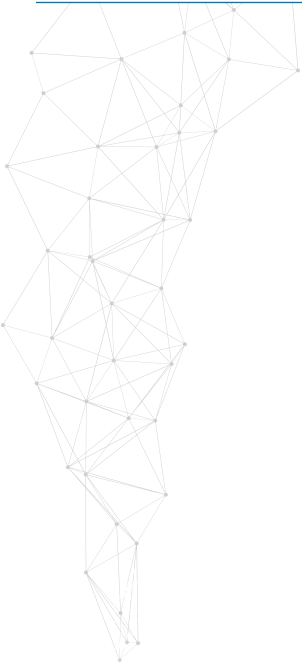
A inibição do traço tende a acontecer nas adaptações características ou respostas habituais, mas podem influenciar, até certo ponto, a expressão do traço como um todo. Alguns estudos sugerem que, mesmo que o padrão desenvolvimental dos traços tenda a ser o mesmo em

diferentes culturas (Amabilidade e Conscienciosidade aumentam com a idade, por exemplo), há evidências consistentes de que em países cujos papéis sociais de adultos são exigidos mais cedo, tais dimensões atingem níveis mais elevados também mais cedo. Outro conjunto de evidências aponta que as relações entre os traços e resultados na vida também podem variar de acordo com a cultura. Um estudo sugeriu que indivíduos mais extrovertidos tenderiam a maior satisfação na vida na América do Norte (países, talvez, mais individualistas e que valorizam características como capacidade de liderança, assertividade e competitividade), o que não ocorreu em países da Europa e Ásia, onde níveis de extroversão não se relacionaram com satisfação na vida (Kim, Schimmack, Oishi, & Tsutsui, 2018). Ao que parece diferentes demandas culturais podem levar à valorização de diferentes perfis de personalidade. Nestes casos, por exemplo, a migração seletiva pode ocorrer para indivíduos cujos traços não estão de acordo com o que é valorizado na cultura (no exemplo acima, alguns indivíduos extrovertidos e que nasceram na Europa podem decidir ir para os Estados Unidos, onde seu traço elevado de extroversão é mais valorizado).

Por fim, como a migração seletiva não seria possível para todos, uma estratégia atual de manutenção e expressão dos traços mesmo em culturas que não o valorizam é a criação de microculturas, afastadas territorialmente, mas próximas por meios virtuais, interesses ou ideologias comuns. Assim, europeus extrovertidos que não podem migrar para os Estados Unidos podem criar grupos virtuais e de amigos que, mesmo não estando todos próximos fisicamente, reforçam a expressão do traço. Tudo isso pode permitir que se criem ambientes virtuais e artificiais que reforçam a expressão de traços que o indivíduo já possui, mas que poderia ter sido moldado pela cultura de seu país ou estado, mas não foi, graças à possibilidade de encontrar ressonância em outros grupos territorialmente distintos. Este último fenômeno parece o mais comum atualmente, o que pode ser confirmado pelo fato de que a variabilidade dos traços é maior dentro de cada país do que entre os países. Assim, pois, as influências culturais sobre a expressão dos traços parecem mais fortes para microculturas, determinadas por valores, interesses e causas comuns, de escolha dos indivíduos, do que da cultura geral de um país ou região.

Para esta resposta, parti do pressuposto de que os CGF são universais, mas é importante ressaltar que há evidências (poucas) que colocam dúvida nesta hipótese. Tais estudos sugerem que os CGF não se repli-





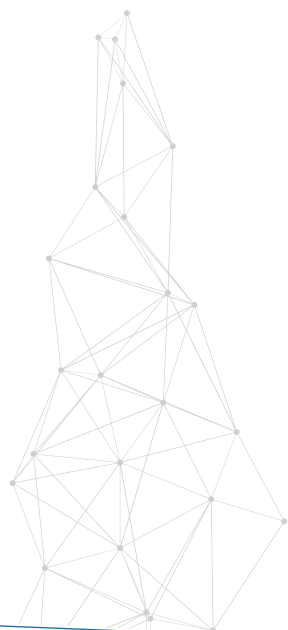
cam em culturas não letradas, como grupos isolados da Bolívia, onde mesmo com adaptações às escalas de auto e heterorrelato, não foi possível identificar as cinco grandes dimensões. Tais resultados requerem maior análise, e replicação, haja vista que é possível, por exemplo, que limitações da linguagem tenham dificultado a tradução das escalas para tais grupos mais isolados, o que dificultaria a identificação de hábitos ou atividades que sejam coerentes com aqueles que representam o traço nas escalas originais. Perguntas comuns em escalas de autorrelato, como: “gosto de resolver quebra-cabeças” “não gosto de mendigos”, que podem exigir um estudo de inteligibilidade criterioso para verificar que situações seriam exatamente equivalentes em uma comunidade onde não houvesse quebra-cabeças ou mendigos. Outra possibilidade para que não se encontre os cinco fatores se deve a limitações dos próprios procedimentos de análise estatística (geralmente correlação e análise fatorial), que dependem, em essência, de variabilidade entre os respondentes para que determinada dimensão apareça. Assim, se em determinado grupo todas as pessoas apresentam os mesmos níveis de Conscienciosidade, este fator não aparecerá como dimensão separada de personalidade, não porque não exista na população, mas por não variar neste grupo (o que chamamos de restrição de variabilidade). Ainda assim, é possível manter a conclusão de que os CGF são, pelo menos, quase-universais, e passíveis de estudo na maioria das culturas.

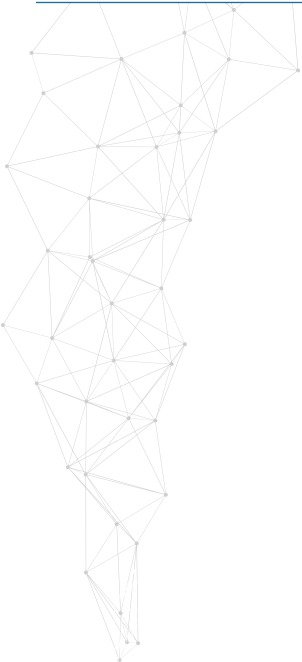
O que faria com um traço chegasse a níveis tão extremos de forma que fosse possível falar de um transtorno de personalidade?

O modelo mais aceito para explicar transtornos mentais atualmente é conhecido como modelo diátese-estresse. A hipótese seria de que, para desenvolver um transtorno psiquiátrico seria necessária uma combinação entre vulnerabilidades individuais, de natureza biológica e geralmente mais inespecíficas (como elevado Neuroticismo, excessiva busca por sensações, impulsividade, etc), com uma combinação de estressores, mais específicos, percebidos ao longo do desenvolvimento (estilos parentais inconsistentes, traumas resultantes de abuso, perdas importantes, invalidação parental, etc). Assim, possuir apenas a vulnerabilidade individual ou apenas a história de estressores, a menos que sejam de excessiva magnitude (uma alteração genética ou ter vivido uma grande tragédia, por exemplo), não levariam ao surgimento de um transtorno. No que se refere aos transtornos de personalidade, a diferença estaria em que, diferente dos demais transtornos mentais, a combinação entre as vulnerabilidades individuais e os estressores

pode ter ocorrido muito cedo no desenvolvimento, a ponto de os sintomas se misturarem com a própria personalidade do indivíduo. Nestes casos, os padrões desadaptativos são indissociáveis da própria identidade do sujeito, que não consegue identificar um momento na vida em que os sintomas apareceram.

Outro aspecto a ser lembrado aqui é que a personalidade não é formada apenas pelos traços, mas, como em sua explicação acima, de uma combinação entre traços e adaptações características, sendo estas últimas responsáveis pelas variações na expressão da personalidade. Tais adaptações se desenvolvem ao longo da história de vida, tendo início na infância. Em condições normativas, é esperado que o indivíduo encontre, em sua história de vida, formas de adaptação ao ambiente em que vive, respeitando suas limitações biológicas. Assim, por exemplo, uma pessoa com nível elevado de Neuroticismo tenderá a ser mais vulnerável, mais irritável e com maior dificuldade para lidar com estressores. Assim, é provável que ela busque maneiras de compensar as dificuldades que possa ter em consequência dos traços, desenvolvendo determinados tipos de adaptações características (neste caso, por exemplo, ela poderia aprender a usar o humor para expressar momentos de irritabilidade, evitando ser agressiva, ou poderia desenvolver um bom repertório de habilidades sociais, a fim de conseguir suporte dos outros em momentos de estresse). Para desenvolver estes padrões mais adaptativos de expressão do traço, no começo é necessário que o indivíduo conte com um ambiente propício, previsível e estável, onde os cuidadores principais saibam como reagir a expressões emocionais e comportamentais inadequadas, e que sejam capazes de construir um vínculo de apego seguro com a criança. Em casos em que a criança já apresenta determinados níveis de traço que, combinados, indicam vulnerabilidade para algum transtorno de personalidade (para mais informações específicas, ver Gore & Widiger, 2013; Griffin & Samuel, 2014) a falta de um ambiente propício ao desenvolvimento de adaptações protetoras pode levar ao desenvolvimento de adaptações extremas, que funcionem no momento em que se desenvolvem – numa família desestruturada ou violenta, por exemplo – mas que deixam de ser adaptativos com o tempo, quando muda o ambiente. Como aquela adaptação foi construída cedo na vida é pouco provável que, sem uma intervenção externa (psicoterapia, por exemplo) ela consiga mudar suas formas típicas de responder, preferindo, muitas vezes, selecionar ambientes em que seus padrões continuem funcionando (um ambiente semelhante àquele onde cresceu). Como exemplo, podemos





imaginar uma criança que apresente elevados níveis de Neuroticismo, e baixos níveis de Conscienciosidade e amabilidade (padrões comuns ao transtorno de personalidade limítrofe, ou borderline). Esta criança, que apresenta tendência básica associada a maior irritabilidade, desorganização, e dificuldade de lidar com estresse, vive em um ambiente estressor, com cuidadores que punem as expressões emocionais de tristeza ou raiva, agredindo ou ridicularizando, e pontuando sempre o quanto ela é desagradável ou indigna de amor. Como complemento, imaginemos que esta criança sofreu uma experiência de abuso sexual por um parente, que começa a oferecer atenção e presentes como forma de pagamento para que guarde segredo. As adaptações características que esta criança desenvolve – ser excessivamente amável, usar sua sexualidade como forma de conseguir atenção, inibir a expressão das emoções até não aguentar mais – permitem que ela se adapte, do ponto de vista psicológico, tanto quanto possível, e por isso passam cada vez mais a fazer parte de seu “jeito natural de ser”. Com o tempo, mesmo que esta pessoa já não esteja mais sob os cuidados dos pais abusivos ou do parente responsável pelos abusos, pode manter estes mesmos padrões de relacionamento, o que levará a muitas dificuldades nas relações interpessoais e sofrimento, condizentes com o diagnóstico de personalidade borderline. Neste caso, os níveis de cada um dos CGF não mudaram, mas a forma de expressá-los, o que levou ao desenvolvimento do transtorno.

REFERÊNCIAS

- Allemand, M., & Flückiger, C. (2017). Changing personality traits: Some considerations from psychotherapy process-outcome research for intervention efforts on intentional personality change. *Journal of Psychotherapy Integration, 27*(4), 476–494. DOI: 10.1037/int0000094
- Bagby, R. M., & Widiger, T. A. (2018). Five Factor Model personality disorder scales: An introduction to a special section on assessment of maladaptive variants of the five factor model. *Psychological assessment, 30*(1), 1–9. <http://dx.doi.org/10.1037/pas0000523>
- Church, A. T. (2016). Personality traits across cultures. *Current Opinion in Psychology, 8*, 22–30. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2015.09.014>
- Deary, I. J., Weiss, A., & Batty, G. D. (2010). Intelligence and personality as predictors of illness and death: How researchers in differential psychology and chronic disease epidemiology are collaborating to understand and address he-

alth inequalities. *Psychological science in the public interest*, 11(2), 53-79. DOI: 10.1177/1529100610387081

Gore, W. L., & Widiger, T. A. (2013). The DSM-5 Dimensional Trait Model and Five-Factor Models of General Personality, 122(3), 816-821. <https://doi.org/10.1037/a0032822>

Griffin, S. A., & Samuel, D. B. (2014). A closer look at the lower-order structure of the Personality Inventory for DSM-5: Comparison with the Five-Factor Model. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(4), 406-412. <https://doi.org/10.1037/per0000074>

Hedman, E., Andersson, G., Lindefors, N., Gustavsson, P., Lekander, M., Rück, C., ... & Ljótsson, B. (2014). Personality change following internet-based cognitive behavior therapy for severe health anxiety. *PLoS One*, 9(12), e113871. DOI:10.1371/journal.pone.0113871

Kim, H., Schimmack, U., Oishi, S., & Tsutsui, Y. (2018). Extraversion and life satisfaction: A cross-cultural examination of student and nationally representative samples. *Journal of Personality*, 86(4), 604-618. <https://doi.org/10.1111/jopy.12339>

Löckenhoff, C. E., Terracciano, A., Patriciu, N. S., Eaton, W. W., & Costa Jr, P. T. (2009). Self reported extremely adverse life events and longitudinal changes in five factor model personality traits in an urban sample. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of The International Society for Traumatic Stress Studies*, 22(1), 53-59. doi: 10.1002/jts.20385

Mansur-Alves, M; Saldanha-Silva, R . (2017). Interfaces entre os estudos dos traços de personalidade e as terapias cognitivo-comportamentais. In: Carmem Beatriz Neufeld; Eliane Mary de Oliveira Falcone; Bernard Rangé. (Org.). *ProCognitiva: programa de atualização em terapia cognitivo-comportamental*. 1ed. Porto Alegre: Artmed Panamericana, v. 3, p. 87-132.

McAdams, D. P., & Olson, B. D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual review of psychology*, 61, 517-542. 10.1146/annurev.psych.093008.100507

McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2003). *Personality in adulthood: A five-factor theory perspective*. New York, NY: Guilford Press.

Specht, J., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2011). Stability and change of personality across the life course: The impact of age and major life events on mean-level and rank-order stability of the Big Five. *Journal of personality and social psychology*, 101(4), 862. DOI: 10.1037/a0024950

Sutin, A. R., Costa, P. T. Jr., Wethington, E., & Eaton, W. W. (2010). Turning points and lessons learned: Stressful life events and personality trait development across middle adulthood. *Psychology and Aging*, 25, 524-533. doi: 10.1037/a0018751



SBNp

Sociedade Brasileira de
Neuropsicologia